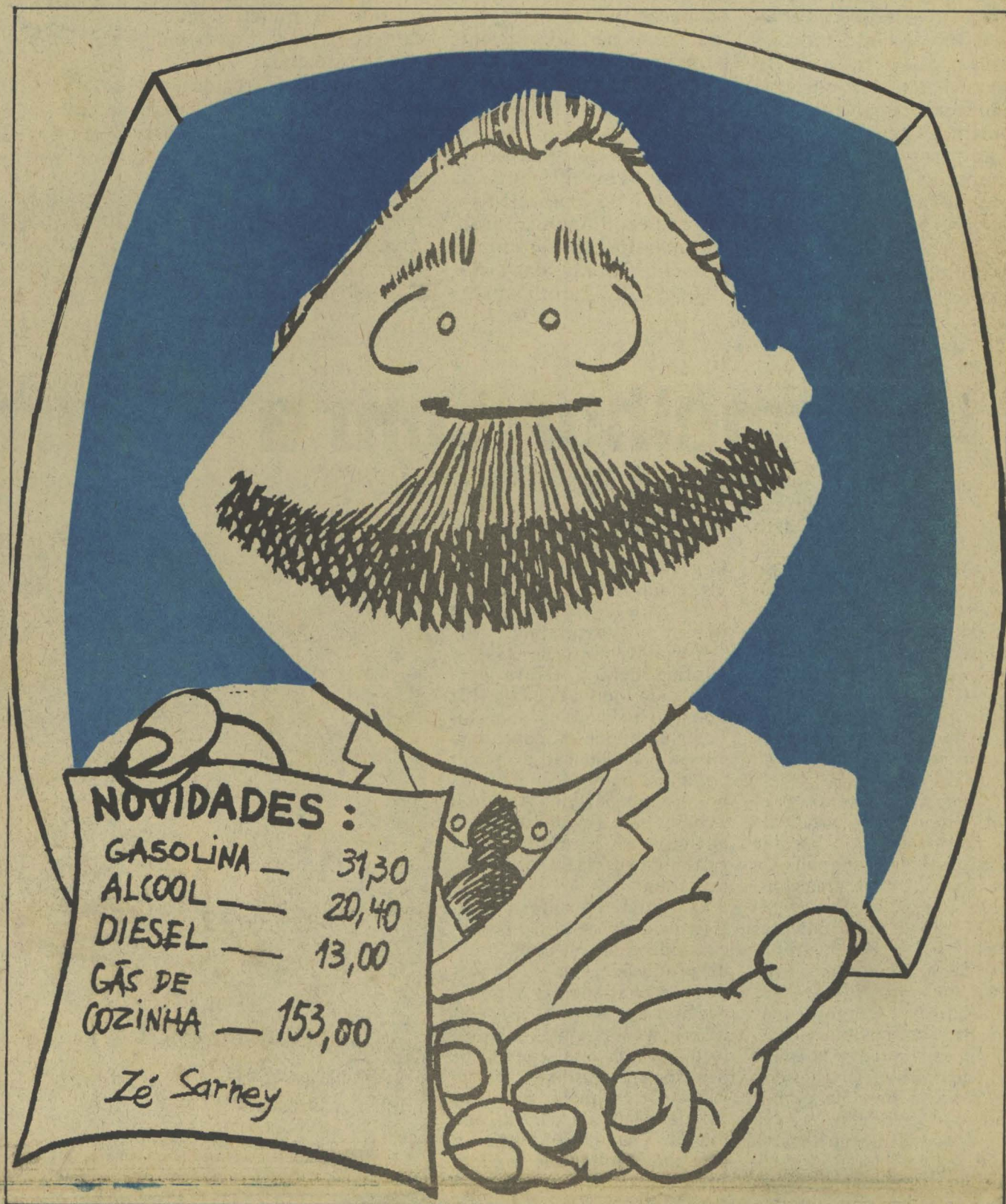


## Sarney pede apoio em troca de nada

A julgar por seu pronunciamento na TV, o presidente acredita que poderá sair do isolamento articulando em torno de si próprio uma ampla

unidade nacional, como nos dias do Cruzado. Mas os tempos são outros, e hoje ele está de mãos vazias.

Pág. 3



## Nova ditadura?

Depois de muitas promessas, vacilações, conchavos e ameaças, José Sarney falou em rede nacional de rádio e TV sobre o seu "novo" compromisso de governo. Ele quer, nada mais, nada menos, que "administrar sem freios e sem limitações". Oficializa assim o que todo mundo já percebeu: pretende fazer uma transição da ditadura para outra ditadura, já que durante os 21 anos de regime militar os generais, apoiados nas baionetas, trataram exatamente de administrar sem freios e sem limitações. É nesta base que ele pede apoio incondicional dos políticos.

Ignorando que está em funcionamento uma Assembléia Constituinte, o novo ditador reafirmou que tem mais dois anos de mandato "com os poderes que foram conferidos ao presidente da República à data de sua eleição". Ele considera o cargo que ocupa como um direito adquirido e não como um mandato político. Neste sentido, se julga superior à Constituinte e a qualquer legislação, já que o tal mandato de cinco anos não existe, foi inventado por ele mesmo em uma de suas crises de afirmação. E os tais poderes à data de sua eleição foram estabelecidos pela velha Constituição, imposta pelo regime militar, que a nação quer ver substituída por outra, de conteúdo democrático.

Também em relação ao papel das Forças Armadas o superpresidente estabeleceu, à revelia do que se discute na Constituinte, que lhes compete "manter as instituições e a ordem".

Para se outorgar o direito de reivindicar plenos poderes, para fazer o que bem quiser na chefia do governo, para nomear para a equipe governamental os fisiológicos que assinam qualquer cheque em branco em troca de uma vaguinha nas tetas da administração pública, Sarney choramingou uma longa lista de pretensas realizações que, na prática, não se concretizaram. Tudo

no também velho estilo populista e demagógico.

Do longo e enfadonho discurso, sobrou, como verdade incontestável, a confissão: "Eu fiquei isolado". Só que ao invés de dar consequência a esta constatação, aceitando eleições em 1988, logo após a promulgação da Constituição, para que o Brasil se veja livre de um presidente que não representa senão a si mesmo e ao reduzido grupo de reacionários agarrados ao poder, Sarney quer mandar mais ainda.

Mas a grande mensagem para os brasileiros veio logo após o pronunciamento presidencial. Assim que S. Excia deixou o vídeo, em edição extraordinária, noticiou-se o aumento dos preços da gasolina, do álcool, do óleo diesel e do gás de cozinha. Era uma síntese perfeita das efetivas medidas do governo em relação ao povo.

O governo Sarney faliu. Não existe mágica que possa lhe assegurar a almejada sustentação política. A idéia de recolher assinaturas avulsas independentemente das legendas partidárias para o tal "compromisso" não resolve problema algum. Só pode aprofundar o fosso entre o governo e o povo. A nação exige mudanças e qualquer arranjo para negar este anseio legítimo não terá outro resultado senão aprofundar a crise política.

Não basta, entretanto, reconhecer o fracasso de Sarney e de suas manobras. As correntes democráticas e progressistas só obterão vitórias significativas nesta conjuntura se forem capazes de transformar a insatisfação popular em ações concretas de massas. Tanto para lutar por eleições diretas em 88 como para exigir da Constituinte uma nova Carta em defesa da liberdade, do progresso e da soberania nacional. Em particular, contra a sofreguidão de Sarney para fazer o que quer; "sem freios e limitações", urge batalhar por um novo sistema de governo, de tipo parlamentarista.

## O Brasil, vítima do átomo

O acidente de Goiânia ensina que o país precisa dominar de fato a tecnologia nuclear. P. 7

Foto: Julimar de Brito



Milhares estão sob suspeita de contaminação, e os rios podem ser afetados

## Autolatina faz locaute e consegue o que queria

A holding que reúne a Volks e a Ford interrompeu durante cinco dias a entrega de automóveis para o mercado interno. Pág. 4

## Lepra: este flagelo não sensibiliza autoridades

A doença secular se alastra, já atingiu mais de meio milhão de pessoas, e nenhuma medida foi tomada para erradicá-la. Pág. 8

Foto: Arnaldo Flaschi

## Importante vitória na Constituinte

Os capitalistas não conseguiram derrubar por completo a estabilidade no emprego. Veja matéria na página 3

## Servidores impõem derrota ao governo

A categoria dos previdenciários, após 21 dias de paralisação, voltou ao trabalho depois de extrair o compromisso de que o ministério lhe pague 50% em outubro e mais 50% em novembro. Nesta batalha, os servidores enfrentaram a arrogância e a vacilação do ministro Raphael de Almeida Magalhães. Pág. 6

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

90% da categoria parou

CHILE

# Balas contra os grevistas

As principais cidades do país ocupadas pelo Exército. Seis pessoas feridas e centenas de presos. Estas as respostas da ditadura do general Augusto Pinochet à greve geral convocada pelo Comando Nacional dos Trabalhadores do Chile no último dia 7.

“O movimento foi importante porque a economia do país não conseguiu funcionar normalmente”, afirmou Arturo Martínez, diretor do

CNT. O sistema de transporte foi afetado e mesmo a ocupação militar das regiões industriais não foi suficiente para impedir o protesto. A principal das reivindicações dos grevistas era um aumento salarial de 22%.

A polícia feriu a bala e prendeu os manifestantes na periferia e no centro de Santiago, a capital. Os confrontos maiores se deram nas primeiras horas da tarde. Grupos de manifestantes

gritavam palavras de ordem e criticavam a ditadura militar quando os policiais atacaram com tiros, bombas de gás e cassetetes.

Em algumas regiões da periferia da capital, onde mora a população mais explorada e hostil ao governo dos generais, foram erguidas barricadas. Pneus foram incendiados e os proletários responderam com pedradas à violência dos soldados de Pinochet.



Os proletários ergueram barricadas contra os policiais da ditadura

ALBÂNIA

# Vida melhor com a reforma agrária

A Albânia era, em 1944, o país mais atrasado da Europa. Seu povo vivia na mais dura miséria. A ocupação nazista devastou o país. Já no processo da luta de libertação nacional, liderada pelo Partido Comunista da Albânia, que culminou com a instalação do poder popular em novembro de 1944, a questão agrária se colocava como um desafio e uma necessidade urgente para se criar as bases de uma sociedade nova, socialista.

A agricultura era um problema crucial. Sua produção, não satisfazia nem a metade das necessidades da população. O país tem 76,6% de área constituída de montanhas, e as regiões baixas eram cobertas de mântanos e lamaçal, infestadas de doenças como a malária. Pouca terra era utilizada, e os trabalhadores usavam instrumentos rudimentares.

O poder popular se lançou à tarefa de desenvolver a agricultura sobre a base da grande produção moderna, para garantir a alimentação do povo e contribuir para a industrialização e desenvolvimento do país. O primeiro passo para a realização do programa revolucionário do PCA, no sentido de transformação socialista no campo, foi a reforma agrária. Ela significou a transformação democrática das relações de propriedade, a definitiva destruição dos restos do feudalismo, a liquidação da classe latifundiária.

A Lei da Reforma Agrária foi decretada em 29 de agosto de 1945, segundo o princípio de “terra para quem nela trabalha”. Foram desapropriados sem indenização, e distribuídos aos camponeses, todos os latifúndios. Cada família recebeu 5 ha. de terra. E foram tomadas medidas para impedir a transformação da propriedade camponesa em propriedade capitalista, proibidos a compra e venda da terra, o arrendamento e a hipoteca, assim como a exploração do trabalho dos outros.

## INVESTIMENTO ESTATAL

O Estado ainda criou as condições para o desenvolvimento da agricultura, tirando-a do seu estado primitivo. Investiu na drenagem dos pântanos, na irrigação e fertilização da terra, mecanização, crédito, fornecimento de sementes, assistência

técnica e formação de técnicos de nível superior. No início, a URSS, dirigida por Stálin, ajudou com maquinaria moderna. Em 1947 foram criadas empresas estatais de máquinas e tratores, para desenvolver a base técnica da agricultura.

Em novembro de 1946 a reforma agrária estava concluída em toda a Albânia. Ela reforçou a aliança entre operários e camponeses, contribuiu para a consolidação do poder popular e a aplicação da linha política do partido. Assentou as bases para a coletivização da agricultura, caminho para garantir a vitória do socialismo no campo.

O segundo passo foi a transformação da pequena produção individual em uma forma de produção coletiva, através de cooperativas. O partido orientou a criação das cooperativas considerando a realidade histórica albanesa segundo os princípios leninistas:

1 - Do pequeno produtor nasce cada dia, cada hora, cada minuto, o capitalismo. Isto é, o pequeno proprietário tende a se transformar em proprietário capitalista.

2 - Os demais setores socialistas da produção (indústria, comércio, transporte) não podem se desenvolver apoiando-se no setor da pequena produção no campo. O socialismo não pode avançar apoiado em duas bases econômicas diferentes. Deve se apoiar na propriedade socialista.

3 - Pequenos produtores isolados não conseguem produzir o suficiente para alimentar toda a população, fornecer matéria prima para a indústria e exportação, porque o nível de desenvolvimento das forças produtivas é baixo em relação à produção socialista.

## FASES DA COLETIVIZAÇÃO

Distinguem-se várias fases do processo de coletivização. Em novembro de 1946 foi criada a primeira cooperativa agrícola de produção em Krutje, sul do país. Até 1955 várias cooperativas, sobretudo nas regiões planas, sob o comando de que “não devemos nos apressar demais, nem ficarmos parados”. Os camponeses deveriam entrar para a cooperativa por livre vontade, não pela violência ou pela força.

O período de 1956 a 1960 foi caracterizado pela incorpora-



A empresa Agrícola de Vrina, na Albânia Meridional: produção moderna e socialista

ção massiva dos camponeses às cooperativas, inclusive nas regiões montanhosas, animados pela experiência positiva das que já existiam e pelo intenso trabalho do partido e do poder popular. Foi concluída a coletivização no campo, num processo revolucionário ininterrupto.

Além do apoio financeiro, nesse processo o Estado investiu na criação de escolas, centros culturais, bibliotecas, institutos de saúde, rede de água, comércio, estradas, visando a melhora das condições de vida dos trabalhadores. Em 25 de outubro de 1970, concluiu-se a eletrificação rural. Na Albânia não há uma casa sem luz.

Novas tarefas surgiram. A propriedade cooperativista é de grupo. Por isso tem caráter transitório na construção do socialismo. Deve-se transformar na propriedade de todo o povo, forma superior da propriedade socialista.

## SOCIALIZAÇÃO

A primeira tarefa era incrementar a produção para acelerar o desenvolvimento das forças produtivas. Essa tarefa foi realizada com o investimento estatal em equipamentos, oficinas mecânicas, construção de estábulos, etc. Era necessário também uma forma mais avançada de coletivização.

Para isso foram criadas as cooperativas de tipo superior, através da união das cooperativas simples. As de tipo superior começaram a ser criadas em 1971, inicialmente nas regiões planas. Suas características:

1- O Estado socialista é co-proprietário, participando com fundos básicos para o desenvolvimento dos meios de produção, pelos quais não recebe nenhum pagamento.

2- A remuneração dos trabalhadores é calculada de acordo com o resultado da produção. Assim, não é a mesma em todas as cooperativas.

Paralelamente ao desenvolvimento das cooperativas, foram criadas as empresas estatais - inclusive algumas cooperativas de tipo superior foram estatizadas. É o processo de transformação da propriedade de grupo em propriedade de toda a sociedade. Modifica-se também a natureza da organização e direção do processo produtivo: as cooperativas são dirigidas pela assembléia de seus membros; as estatais são dirigidas pelo Estado, que representa os interesses do proletariado e da sociedade.

O salário nas empresas agrícolas estatais é o único e estabelecido com base nas categorias do processo de trabalho (técnico agrícola, tratorista, etc.) e na legislação trabalhista. A jornada de trabalho é de 8 horas diárias, como na cidade.

Cada aldeia de trabalhadores rurais tem sua escola de primeiro grau obrigatória, além de creches e jardins de infância. Para cada grupo de aldeias

existem escolas de nível médio de formação geral e de formação profissional agrícola. O ensino é gratuito em todos os níveis. Para continuação do estudo na universidade, o Estado oferece bolsas de manutenção na cidade.

Cuidado especial foi dado à mulher camponesa, que tem direito a licença-maternidade de seis meses. Todos os trabalhadores rurais tem direito à previdência social e à aposentadoria.

Hoje na Albânia, não existe a propriedade privada da terra. Existem dois tipos de propriedade coletiva: a de grupo e a de todo o povo. O país foi coberto de plantações que vicejam ao lado das indústrias e das fazendas de criação de animais. O camponês passado, atrasado, individualista, transformou-se no homem novo, inserido numa realidade nova, que ele mesmo ajudou a construir.

(Otávia Fernandes de Souza Rodrigues)

## Não tem perdão

O exército sionista matou três palestinos a tiros no dia 2 de outubro - o chamado “Dia do Perdão” pela religião judaica, que o Estado de Israel diz professar. Enquanto os judeus comemoravam o Yom Kippur, os soldados de Israel atiraram contra uma manifestação de palestinos que protestavam contra o bloqueio dos sionistas em todos os acessos dos territórios árabes ocupados.

## França condenada

Um júri internacional, reunido dia 2 em Genebra, condenou a França a pagar uma indenização de 8,1 milhões de dólares à organização Greenpeace pelo afundamento do navio Rainbow Warrior, no dia 10 de julho de 1985, na Nova Zelândia. A compensação foi decidida por três juizes - um suíço, um francês e um neozelandês - depois que a França concordou em submeter o caso a um tribunal internacional, como alternativa à ação legal movida pela Greenpeace na Nova Zelândia.

## O Vaticano ataca

Já está se tornando praxe a intervenção do Vaticano em assuntos internos de outros países, mesmo naqueles em que o Estado está separado da igreja. O caso mais recente ocorreu na Itália, o que acabou gerando uma crise política.

Através de canais diplomáticos, o Vaticano tentou barrar as mudanças que deveriam ser adotadas nas escolas estaduais italianas. Para ter mais tempo nas negociações entre a Santa Sé e Roma, o governo paralisou os debates sobre este assunto no parlamento. Deputados de esquerda criticaram esta atitude sob o argumento de que estavam cerceando o poder decisório do parlamento.

O nó da questão entre os dois Estados está num memorando sobre educação religiosa, que faz parte do acordo assinado em 1985 entre Vaticano e Itália. No memorando afirma-se que o ensino religioso deveria constar do currículo das escolas estaduais, apesar de ser matéria opcional. A revisão que os partidos que fazem parte do governo pretendiam aprovar - e que causou a indignação da Igreja - propunha que as escolas poderiam ministrar o ensino religioso fora do período normal de aula. Apenas isso fez o papa mobilizar toda a sua legião de seguidores.

## Comércio de morte

“O Iraque tem armas quase que totalmente fabricadas pelos Estados Unidos. Mas os norte-americanos não podem vendê-las legalmente ao Iraque. Então, como essas armas chegaram às mãos dos iraquianos?” A pergunta foi feita pelo primeiro-ministro de Portugal, Aníbal Cavaco Silva. Mas não se pense que é um rompante antiimperialista. Não. Cavaco Silva quer simplesmente justificar o fato de seu país vender 91,5 milhões de dólares em armas por ano, desde 1984, tanto ao Irã quanto ao Iraque. O diretor do Departamento de Armas do Ministério da Defesa português, general Luís Cravo Silva, garantiu que todos os países fabricantes de armamentos (o que inclui o Brasil) estão lucrando com a guerra no Golfo Pérsico.

## Migração econômica

O semanário “Polityka” de Varsóvia, informou que entre 1981 e 1986 deixaram o país mais de 400 mil poloneses. Somente nesse ano, 10 mil poloneses pediram visto de migração ao governo da Itália. “Mesmo lavando pratos num restaurante na Suécia, ganho mais dinheiro do que meus amigos que têm empregos profissionais aqui”, desabafou um jovem polonês. É um sintoma da crise que afeta esse país, aprofundada desde a traição ao socialismo. Segundo pesquisa realizada pelo próprio governo polonês, 90% dos jovens querem sair de seu país em busca de uma vida melhor.

## De pires na mão

A Iugoslávia pediu aos seus credores o congelamento temporário do pagamento dos juros da sua dívida externa, calculada em 20 bilhões de dólares. A decisão visa minorar a crise econômica. O país está com índice de inflação de 120% ao ano e enfrenta uma onda de greves. Alguns economistas sugeriram que o governo destine um máximo de 25% de sua renda com exportações para pagar o serviço da dívida, o que poderia evitar a estagnação econômica. Em 30 de julho a Iugoslávia já havia reprogramado seus pagamentos externos, que envolviam 240 milhões de dólares, mas a medida não foi suficiente. Em função da crise, o dirigente da Liga Comunista da Sérvia - uma organização anti-marxista criada por Tito - Držisa Pavlovic, foi demitido. O general Georgije Jovicic desabafou que “há muito tempo a Liga Comunista e sua liderança não nos dão nem uma única resposta clara para os problemas do povo”...



A escola média agrícola na aldeia de Mursia

# Tribuna Operária

Semanário Nacional

Faça já sua assinatura e ajude a imprensa operária que luta pela liberdade e pelo socialismo.

|                                    |               |
|------------------------------------|---------------|
| Anual (52 edições)                 | Cz\$ 1.000,00 |
| Anual popular (52 edições)         | Cz\$ 500,00   |
| Semestral (26 edições)             | Cz\$ 500,00   |
| Semestral popular (26 edições)     | Cz\$ 250,00   |
| Anual para o exterior (em dólares) | Us\$ 70       |

Nome: .....

Endereço: .....

Bairro: .....

Cidade: ..... CEP: .....

Estado: .....

Profissão: .....

Data: .....

Recorte este cupom e envie junto com cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda.  
Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo  
CEP: 01318

# CDM

Centro de Documentação e Informação  
Fundação Maurício Grabois

CONJUNTURA

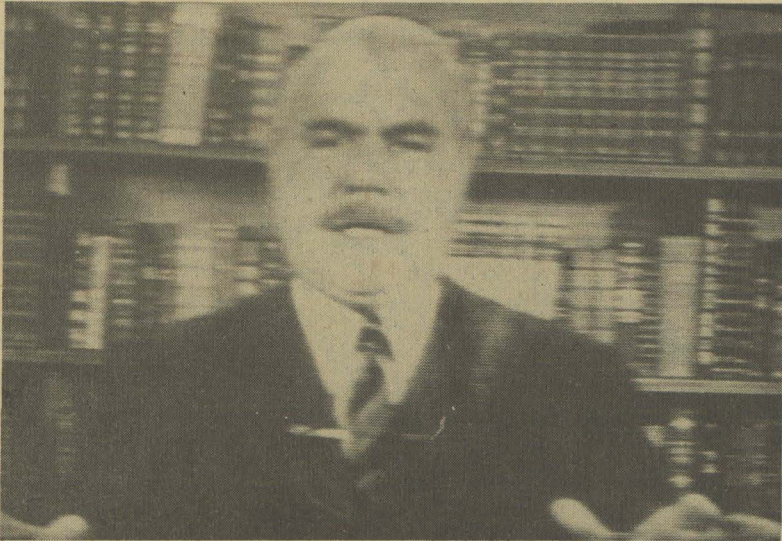
# O governo Sarney em sinuca de bico

Como nos tempos do Cruzado, Sarney voltou a propor a “união nacional” em torno de si próprio. Queria criar condições para pôr fim à crise que paralisa seu governo. Mas tudo indica que o discurso foi um tiro no vazio, e que depois dele o presidente ficou numa situação ainda mais complicada do que antes.

Se a história andasse em círculos, se os acontecimentos pudessem se repetir indefinidamente, e se os protagonistas da vida política tivessem, enfim, poderes para fazer valer os dias de felicidade através da mera reapresentação das idéias e das palavras do passado, então o presidente Sarney poderia alimentar alguma esperança de realizar ao menos parte do plano ambicioso que apresentou no último dia 7 à nação. Afinal de contas tudo foi preparado para que os brasileiros e brasileiras em geral, e os políticos em especial, enxergassem na TV não o Sarney de hoje, a cada dia mais atordoado e sem rumo, mas algo como o homem que em fevereiro de 86 encontrou espaço para livrar-se de uma situação de

isolamento, propor um novo plano econômico, reunir amplo apoio político e popular e consertar rapidamente os buracos então abertos na base de sustentação da Nova República.

Na véspera do discurso o porta-voz da Presidência, Frota Neto, havia criado expectativa, ao garantir que ele iria “surpreender a nação”. E o próprio pronunciamento foi uma peça caracterizada pela grandiloquência. Sarney insistiu nos auto-elogios, assegurando que “o povo é testemunha” de sua dedicação. Em seguida queixou-se dos políticos: “em nenhum momento nos últimos dois anos senti o apoio firme e necessário”. Diante do rompimento da Aliança Democrática, propôs formar “um governo de união nacional” em torno dele próprio, que lhe permitisse ter “absoluta liberdade para compor a equipe de governo” e por fim “administrar sem freios e sem limitação”. Uma vez alcançado este objetivo, Sarney apressou-se a garantir que não haveria “nada a temer”, e que seria possível em curto prazo “suplantar os problemas políticos, suplantar os



Sarney na TV, como em março de 86. Só que a história não volta atrás

problemas econômicos e os sociais”.

### Tudo é diferente do que era em 86

Dezenove meses e uma série extensa de acontecimentos políticos importantes separaram, no entanto, o Brasil de hoje do Brasil dos tempos em que o presidente tocava o Plano Cruzado. E pelo menos uma diferença básica deve ter saltado aos olhos dos telespectadores mais atentos, ainda que Sarney procurasse repetir, na quarta-feira passada, o ar confiante e a voz firme que usava

nos seus dias de vacas gordas. É que naquela época, ao opor restrições, ainda que tímidas e limitadas, às forças que entravam o desenvolvimento do país, o presidente era capaz de acenar ao povo com algumas esperanças. Já o Sarney de hoje, que se entregou nos braços das forças reacionárias, também precisa de apoio político amplo, mas nada pode oferecer em troca. Ele, que num certo momento presenteou a população com as tabelas da Sunab para controlar a inflação e aliviar um pouco o orçamento doméstico apertado, hoje

mostra apenas um cheque em branco e pede que o povo e os políticos ponham nele a assinatura.

### A situação pode se tornar incontrolável

Exatamente por isso, o panorama político estabelecido após a transmissão do discurso leva a crer que o presidente Sarney não só não articulará a ampla “unidade nacional” com que sonha como também pode estar diante de uma crise política que tende a se tornar incontornável. No lado do PMDB, o deputado Ulysses Guimarães apressou-se em dizer que o partido só emitirá parecer a respeito do discurso presidencial e da nova proposta de “compromisso político” que Sarney entregou a ele próprio e ao presidente do PFL depois de reunir sua executiva, no próximo dia 17. E nenhum dos líderes das diversas alas peemedebistas hipotecou apoio ao documento. O senador Fernando Henrique e o deputado Pimenta da Veiga chegaram a considerá-lo “inaceitável”.

Por seu turno, o senador Marco Maciel não pareceu sensibilizado com o pronunciamento, ainda que este incorporasse vários pontos propostos pelo PFL, como o apoio à implantação das Zonas de Processamento de Exportações, um afrouxamento ainda maior da postura frente aos credores e até mesmo a redução do número de ministros civis, caminho que os pefelistas imaginaram nos últimos dias para reduzir a participação do PMDB no governo. Maciel também preferiu aguardar o posicionamento da executiva de seu partido, que se realiza no dia 8.

O país fica, portanto, na expectativa do resultado das convenções partidárias, e a

crise fica congelada até que elas se realizem. Mas seria sensato prever dias mais tranquilos para o presidente, supondo que um pouco mais de reflexão poderá convencer os líderes do PMDB e do PFL a atenderem seus apelos.

### A crise pode levar também PMDB e PFL

Tudo indica que não. Apesar de todos os esforços feitos pelo presidente nas últimas semanas, já ficou suficientemente claro que será impossível alcançar estabilidade contando apenas com o apoio do PFL, dos setores mais à direita do PMDB e talvez o PTB e PDS, como cansou de propor Marco Maciel. Um governo formado nesses moldes parece condenado a ser minoritário na Constituinte desde a sua instalação.

E como Sarney exige que os partidos dispostos a participar do governo comprometam-se a defender o mandato presidencial de 5 anos, é altamente improvável que possa contar com o apoio integral de todas as alas do PMDB, o que lhe daria mais de 50% de votos na Constituinte.

É fácil prever, portanto, novas tempestades políticas no caminho do presidente. Mas os próximos desdobramentos da crise podem acabar revelando que não apenas o governo Sarney enveredou pelo caminho do fracasso ao associar-se definitivamente à direita. No mesmo barco dele podem estar também o PFL, que se identifica cada vez mais com teses incompatíveis com o pensamento da população, e amplos setores do PMDB, incapazes de abandonar definitivamente as vantagens que usufruem por serem governo e de assumir uma postura claramente oposicionista. É o que veremos nas próximas semanas.

CONSTITUINTE

## A direita sofreu uma derrota

Os trabalhadores brasileiros conseguiram uma importante vitória, embora parcial, na votação da estabilidade no emprego pela Comissão de Sistematização da Constituinte. Por 64 votos contra 27, o plenário rejeitou o destaque solicitado pelo constituinte Darcy Pozza, do PDS (RS), para a emenda apresentada pela Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, que acabava definitivamente com qualquer possibilidade de estabilidade, substituída pela indenização por tempo de serviço.

Com a rejeição do destaque, ficou mantido o texto do segundo substitutivo do relator Bernardo Cabral, que garante a proteção contra demissões imotivadas, embora com algumas graves limitações, como a permissão para demissões fundadas em razões tecnológicas e a não aplicação da estabilidade para empresas com até 10 empregados.

### VITÓRIA DIFÍCIL

Foi uma vitória difícil. Durante toda a semana, os diversos setores representados na Constituinte tentaram um acordo que pudesse garantir a estabilidade, o que acabou não se viabilizando. O centro-esquerda do PMDB insistia na tese de que o melhor era o texto do primeiro substitutivo, que fazia menção ao princípio geral da estabilidade, mas jogava toda sua regulamentação para a lei ordinária.

Já os setores de direita insistiam na aprovação da emenda dos empresários gaúchos, que substituíria a estabilidade pela indenização por tempo de serviço, e os setores progressistas defendiam a necessidade de se ampliar a garantia da estabilidade ou, na pior das hipóteses, manter o texto do segundo substitutivo.

A votação foi um verdadeiro jogo de xadrez. Em primeiro lugar foi votado um destaque do líder do PT, Lula, que pretendia recuperar o texto do projeto original da Comissão de Sistematização, garantindo a plena estabilidade no emprego após 90 dias. O destaque foi rejeitado por 54 votos contra 38.

Numa segunda etapa, entrou em votação o pedido de destaque do deputado Antônio Mariz (PMDB-PB), que pretendia recuperar o texto do primeiro substitutivo deixando para a legislação ordinária a regulamentação dos critérios da estabilidade no emprego. Essa emenda foi negociada pela liderança do PMDB (principalmente através dos deputados Nelson Jobim, Pimenta da Veiga e do senador Fernando Henrique) e os empresários.

Os setores progressistas não concordaram com a negocia-

ção e decidiram votar contra o destaque por achar que o texto do segundo substitutivo atendia melhor à reivindicação do movimento sindical brasileiro. Já a direita também não concordou, porque queria aprovar a emenda dos empresários gaúchos e liquidar definitivamente com a estabilidade. O destaque foi rejeitado por 58 votos contra 35, contrariando a cúpula do PMDB, que se viu forçada a se posicionar claramente sobre o assunto.

Na terceira votação, a união dos progressistas com o centro-direita do PMDB possibilitou a derrota do destaque apresentado por Darcy Pozza. A favor do destaque, numa clara oposição aos interesses dos trabalhadores, votaram 29 constituintes, incluindo o empresário e deputado Fernando Gasparian, do PMDB (SP), tido como progressista. Outra vitória no campo dos direitos sociais foi a aprovação quase que por unanimidade — apenas um voto contra, do conhecido reacionário Ricardo Fiúza — de um destaque estendendo aos trabalhadores rurais os mesmos direitos dos trabalhadores urbanos.

### PREDOMÍNIO CONSERVADOR

Apesar dessas vitórias, a semana não foi muito favorável aos setores progressistas. Em geral quando se votou questões relacionadas com interesses econômicos, predominou o pensamento conservador, mostrando que a correlação de forças na Comissão de Sistematização é desfavorável aos progressistas, principalmente quando estão em jogo poderosos interesses econômicos. Nesses casos, até mesmo o centro e centro-esquerda do PMDB vacilam.

Desta forma, foi aprovado o destaque do constituinte José Egreja, que estabelece a indenização “prévia e justa”

nas desapropriações por interesse social, o que constitui sério entrave à reforma agrária, mas acabou passando por 53 votos contra 40, inclusive com apoio de peemedebistas como Pimenta da Veiga e Cid Carvalho.

### FALSOS PROGRESSISTAS

Também foi derrotado, por 68 a 23 votos, o destaque de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) que regulava o direito de propriedade. Votaram contra diversos constituintes do PMDB, entre eles Arthur da Távola, Egidio Ferreira Lima, José Inácio, Mário Lima, Nelson Carneiro, Nelson Jobim, Pimenta da Veiga, Virgildásio do Senna. A mesma sorte teve o destaque solicitado pelo deputado Nelson Friedrich, que ampliava o controle sobre patentes estrangeiras, numa posição de defesa da soberania nacional, que foi rejeitado por 55 votos contra 37, votando contra Pimenta da Veiga, Michel Temer e José Serra, que gostam de passar por progressistas.

A emenda que pretendia estabelecer o imposto progressivo sobre herança também acabou derrotada, por 54 votos a 38. O mesmo ocorreu com o destaque que previa a possibilidade de mandado de segurança contra as empresas privadas, rejeitado por 65 votos contra apenas 19. Votaram contra Arthur da Távola, Egidio Ferreira Lima, Pimenta da Veiga, José Fogaça, José Serra, Ibsen Pinheiro, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Gasparian, Nelson Jobim,

Nelson Carneiro, Mário Lima e Euclides Scalco, entre outros. Falou mais alto a defesa do capital, embora às vezes encoberta com pomposos raciocínios juridicistas.

O destaque que pretendia estabelecer que ninguém pode ser privado de serviços públicos essenciais por comprovada incapacidade de pagamento, de grande interesse popular, também foi rejeitada com votos de Arthur da Távola, Carlos Masconi, Egidio Ferreira Lima, Ibsen Pinheiro, José Inácio, José Fogaça e Pimenta da Veiga.

Também em questões democráticas, como o estabelecimento do fim dos documentos sigilosos após 20 anos de sua produção e mecanismos de defesa do Estado contra golpes militares, bem como a supressão das ressalvas aos cidadãos para obter informações oficiais, restringindo a atuação do SNI, foram rejeitadas com votos de constituintes como Fernando Henrique Cardoso, Fernando Gasparian, José Fogaça, Arthur da Távola, Egidio Ferreira Lima, Pimenta da Veiga e outros.

Não obstante essas derrotas, duas importantes vitórias foram conseguidas. A rejeição da emenda que previa a ampliação da responsabilidade penal para os maiores de 16 anos, de autoria do monarquista Cunha Bueno e a aprovação de um destaque proibindo a penhora de propriedades com até 25 hectares para pagamento de dívidas. (Mocyr de Oliveira Filho).



Ulysses e Maciel: o apoio ao presidente é cada vez mais complicado

INICIATIVAS POPULARES

## Repúdio a Sarney

No último dia 3, o Comitê Suprapartidário Pró-Diretas em 88 da Zona Sul da capital paulista promoveu o enterro simbólico do presidente Sarney. No ato, iniciado no Largo 13, os manifestantes carregaram faixas, cartazes e um caixão com a inscrição “O governo Sarney não deixa saudades”. Duas bandas de música animaram a passeata, que também contou com um ator representando o FMI e outro a viúva da Nova República.

Esta foi a quarta atividade do Comitê Suprapartidário, que reúne o PC do B, PT, PSB, PDT e militantes do PMDB, além de representantes de vários sindicatos, associações de moradores e entidades de jovens e mulheres. Anteriormente havia realizado plebiscitos — no Largo da Piraquinha e no Largo 13 —,

onde a maioria dos votantes classificou o governo Sarney como “muito ruim” e optou pelas eleições diretas em 88.

Numa outra manifestação contra o governo Sarney, na mesma data, os habitantes de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, participaram de um plebiscito promovido pelo Centro de Informação e Participação Popular na Constituinte. O organismo, que congrega vários partidos (PC do B, PT, PH, PCB e parcelas do PMDB e do PTB) e entidades sindicais, colocou duas urnas no centro da cidade e outras duas em bairros periféricos. Nas quatro urnas o governo Sarney saiu derrotado. 73% dos votantes optaram pelos quatro anos de mandato e 50% pelo sistema parlamentarista de governo. Ao todo, votaram 1.572 pessoas.



A estabilidade, antiga bandeira dos operários, acabou passando, embora com muitas ressalvas

### ERRATA

Por um lamentável erro gráfico, no artigo publicado na página 5 da última edição da Tribuna Operária (nº 332), sob o título “A filosofia da derrota”, onde se lê: — “A unidade fundamental que há entre o ser e o pensamento, acabou se impondo à filosofia e foi reconhecida de forma idealista por Engels”, leia-se “por Hege”.

AUTOLATINA

# Crime de multinacional

A *holding* Autolatina, que reúne as multinacionais Volkswagen (alemã) e Ford (norte-americana), interrompeu por cinco dias na semana passada o fornecimento de automóveis para o mercado interno. Uma atitude que configura o *locoute* (espécie de greve patronal) e como tal foi classificada pelo próprio ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira.

Locaute constitui crime, previsto na legislação brasileira. O fato de ter sido praticado por estrangeiros talvez adicione uma agravante. Mas quem apostou que o poderoso grupo multinacional não sofreu a menor punição acertou. Ao contrário, depois de manter audiências com o presidente Sarney e o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, e só após receber garantias de que os interesses da empresa serão atendidos, é que o senhor Wolfgang Sauer, presidente da Autolatina, determinou o reinício do fornecimento de veículos às concessionárias.

A *holding* tomou sua decisão poucos dias depois que o CIP anunciou o novo aumento autorizado para os preços de carros, de 10,84%. É um índice bem superior aos miseráveis 4,6% da URP, que reajusta salários, e maior também que inflação oficial de setembro (IPC, de 5,6%). No entanto, não agradou as multinacionais que atuam no setor. Elas alegam prejuízos e exigem (é esta, com efeito, a palavra adequada) cerca de 30%.

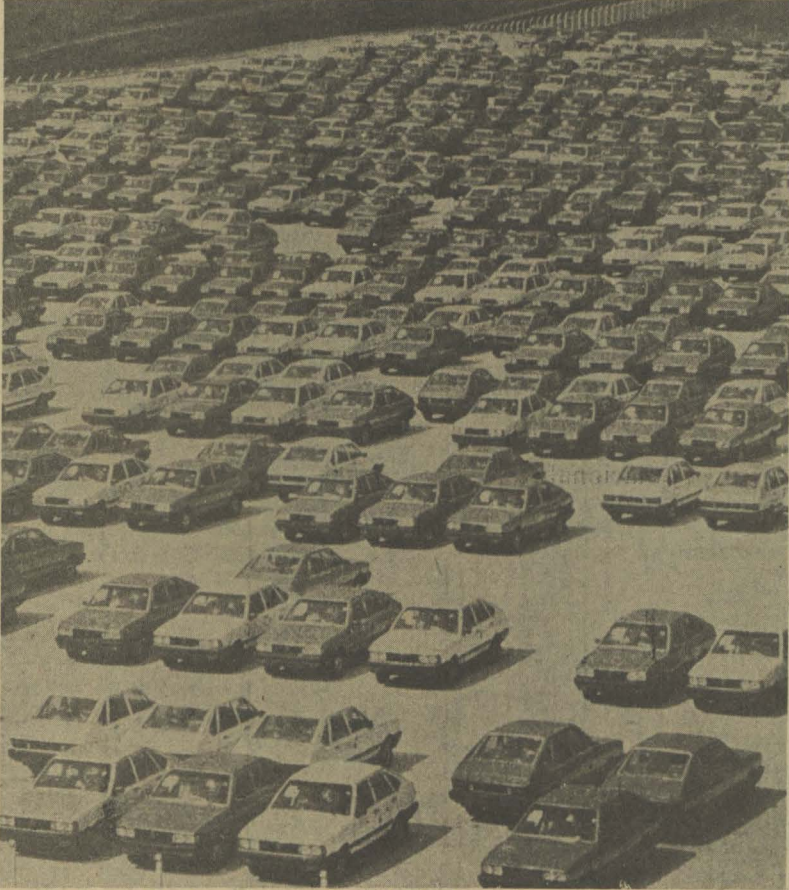
As empresas já vinham praticando um boicote disfarçado, negando-se a aumentar a produção, muito embora a demanda tenha crescido nos dois últimos meses. Em setembro, a produção de carros voltou a declinar, mas a procura é hoje significativamente maior que a oferta, conforme dados dos revendedores. O consumidor está tendo de enfrentar de 90 a 150 dias de espera na fila pelo automóvel novo.

A novidade na atitude da Autolatina encontra-se, em primeiro lugar em ter suspenso completamente as entregas, de forma que nos pátios da Volkswagen e da Ford os estoques ficaram abarrotados com mais de 15 mil veículos; e, ainda, no caráter aberto, público da medida. Parece que deu certo, pois, segundo uma nota divulgada pela empresa, o ministro da Fazenda comprometeu-se a formar um grupo de estudo conjunto para definir percentuais de aumentos reais de preços em conformidade com os interesses do setor.

## Produção é socializada e as decisões, de poucos!

O episódio é rico de lições e merece ser bem avaliado pela opinião pública. Trata-se de um grupo industrial gigantesco, que emprega em torno de 60 mil trabalhadores, além de manter mais de 1 mil concessionárias (ou revendedoras) em todo o país, que por sua vez respondem por 100 mil empregos diretos. A produção (montagem) de veículos da Volks e Ford soma 1.650 unidades por dia. A atividade da *holding* afeta conseqüentemente, uma enorme massa de pessoas.

Apesar deste inegável caráter social da produção do grupo, as decisões são tomadas por um pequeno número de capitalistas que controlam as duas multinacionais e estão sediados nos Estados Unidos e na Alemanha. E se orientam



A Volks e a Ford estocam automóveis à espera de aumento de preços.

por um único objetivo: o de arrancar o lucro máximo.

No momento, calcula-se em cerca de 40 mil o contingente de operários do setor automobilístico que se encontra desempregado. É notório, as próprias multinacionais reconhecem, que existe espaço para aumentar a produção, contratando, desta forma, novos trabalhadores. Porém, os capitalistas agora, não estão preocupados com isto. Preferem fazer chantagens para aumentar seus preços e, por este meio, os lucros.

## Distorções maiores pela dimensão do monopólio

Essas distorções tornam-se ainda mais gritantes pela particularidade de a indústria auto-

mobilitica ser dominada por monopólios. Esses podem se subtrair, em boa medida, às leis do mercado e administrar os preços segundo o interesse de obter o máximo de rendimentos. O reajuste dos carros variou acima da inflação, pelo menos desde dezembro de 1985. Já neste ano, de abril a setembro, a inflação subiu 80%, enquanto os automóveis tiveram reajustes autorizados em 132%. Somente, desde a instituição do Plano Bresser, os automóveis encareceram, em média, 71,5%, enquanto o IPC evoluiu 15,8%, conforme dados divulgados pelo próprio Ministério da Fazenda. A alegação de prejuízo tem, por isto, todos os indícios de um blefe.

É também quase impossível não enxergar a vergonhosa submissão do governo à vontade do grupo multinacional. Em público, o ministro da Fazenda até procurou aparentar indignação. Caracterizou a atitude da Autolatina como *locoute*, "inacreditável" e "inaceitável". *Mise-en-scène*, pura encenação.

Reservadamente, um dos responsáveis pelo crime (pois não custa repetir, *locoute* é crime previsto na legislação brasileira), Wolfgang Sauer, foi recebido em audiência pelo presidente Sarney e também por Bresser Pereira, que se comprometeu a atender às reivindicações dos capitalistas estrangeiros da indústria automobilística.

# Opinião Parlamentar



Aldo Arantes  
Dep. Federal  
PC do B- GO

O pronunciamento do presidente José Sarney à Nação, em cadeia de rádio e televisão, na última quarta-feira, foi uma verdadeira fala do trono. Com sua empáfia e arrogância habituais, o atual inquilino do Palácio do Planalto pediu um verdadeiro cheque em branco ao povo brasileiro para poder, segundo suas próprias palavras, governar em paz. Ou seja, mais uma vez Sarney se comportou como um verdadeiro monarca, desejando poderes imperiais para governar o país e atender aos interesses do grande capital financeiro internacional.

O conteúdo e o tom do discurso do presidente imperial, que em nada difere dos discursos dos antigos generais presidentes, confirmam o total distanciamento de Sarney da ampla maioria do povo brasileiro que deseja um país livre, democrático, soberano e independente. Já Sarney parece querer coisa completamente diferente.

Ao acenar com um programa de governo que chamou de "união nacional", o presidente da República enganou o povo. Na verdade, as propostas que fez são um verdadeiro programa de traição nacional, antipovo e pró-imperialista. Ao se referir à necessidade de adotar uma atitude programática frente à dívida externa que leve o país a reintegrar-se no mundo financeiro, o presidente Sarney, na verdade, está cedendo às pressões do grande capital financeiro internacional e preparando o terreno para uma volta acintosa ao FMI. Além disso, em seu programa de "união nacional", o presidente Sarney defende as plataformas da exportação, a conversão da dívida externa em capital de risco e a escalada privatista da economia brasileira, o que significa abrir ainda mais as portas do país à saia do capital estrangeiro. Ou seja, o programa de governo anunciado por Sarney é antinacional e pró-imperialista.

Como se isso não bastasse, ao solicitar um apoio incondicional independente de partidos ou de convicções políticas, o presidente pede um apoio sem princípios e faz um apelo abertamente fisiológico. Transforma a cena política

brasileira num banco de favores, onde quem apoiar o governo pode passar no caixa e quem não o fizer pode fechar a sua conta. É a volta mais cínica da prática fisiológica que dominou a política brasileira durante muitos anos.

Mais do que isso, o presidente José Sarney volta a desconhecer e desrespeitar a Assembleia Nacional Constituinte, ao reafirmar que ainda lhe restam dois anos de mandato, insistindo que seu mandato terá cinco anos, quando a Assembleia Nacional Constituinte ainda não se manifestou à respeito.

Por tudo isso, o povo brasileiro precisa reforçar a sua mobilização para lutar por um novo sistema de governo, que ponha um fim definitivo aos poderes imperiais do Presidente da República e de seus tutores militares e por eleições diretas em 1988. Afinal de contas, os brasileiros não agüentam mais esse desgoverno impatriótico e exige um novo sistema de governo que amplie os mecanismos de participação popular. A pressão popular sobre a Assembleia Nacional Constituinte deve ser reforçada nessa hora decisiva. Só assim conseguiremos romper o fisiologismo proposto pelo presidente e conquistar a vitória tão desejada pelo povo brasileiro, aprovando uma Constituição efetivamente democrática e progressista, que ponha um fim definitivo a esse governo impatriótico e impopular e consolide a democracia em nosso país.

## CASO FONTELES

# Inicia-se a CPI

Realizou-se no dia 6 de outubro a primeira sessão da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) instalada pela Assembleia Legislativa do Pará para apurar os conflitos fundiários no Estado e a morte do ex-deputado Paulo Fonteles. Estavam presentes membros do Partido Comunista do Brasil, os familiares de Fonteles, além de lideranças sindicais e populares.

A sessão teve a duração de três horas e tinha a finalidade de ouvir o depoimento do advogado José Carlos Castro. Este fez uma brilhante explanação, fornecendo importantes dados para o andamento da CPI. José Carlos Castro falou da gritante concentração de terras nas mãos de poucos, das promessas de reforma agrária e a sua negativa em realizá-la na vida real. Aportou o exemplo do Pará, onde 1% dos proprietários possui

57% das terras. E acrescentou: "Pessoas como Paulo Fonteles, que se dedicam à defesa dos injustiçados e despossuídos, têm contra elas toda uma estrutura dominante que persegue e chega até a liquidar a vida".

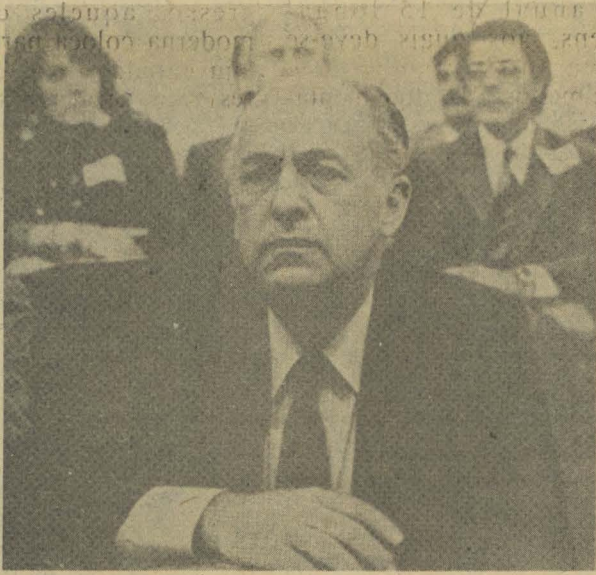
O inquérito apontou dados que devem ser melhor apurados, como o do motorista que conduzia Paulo, que escondeu de seu depoimento uma viagem que fez a Benevides, parando no mesmo posto em que houve o assassinato, horas antes do crime. Por que razão ele omitiu isto? Também o armador e dono da fazenda Jonasa, Joaquim Fonseca, foi chamado a prestar depoimento no dia 28 de setembro, sem que os advogados de Paulo fossem informados. Fonseca é um dos acusados de ser mandante do crime. (Eneida Casteli, da sucursal)



CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois



A Autolatina, através de Wolfgang Sauer, ameaçou o governo e recebeu garantias de Bresser



## PROGRAMA DE AÇÃO GOVERNAMENTAL

# Promessas vãs ao pé do rádio

Os números são grandiosos. Mas a demagogia salta aos olhos. Assim é o Programa de Ação Governamental (PAG) anunciado por sua Ex.<sup>a</sup>, o presidente da República. Serão investidos 8,7 trilhões de cruzados, entre 1987/91, a iniciativa privada aumentará expressivamente sua taxa de in-

versão, o crescimento da agricultura será de 30%, da energia elétrica, 40%. O PIB aumentará à ordem de 7% ao ano. O salário mínimo será dobrado.

Não se espantem muito, pois coisas parecidas foram prometidas não faz muito.

Ainda no ano passado divulgou-se o Plano de Metas, hoje letra morta. É também recente a persistente garantia do senhor José Sarney de que, neste país, "recessão jamais".

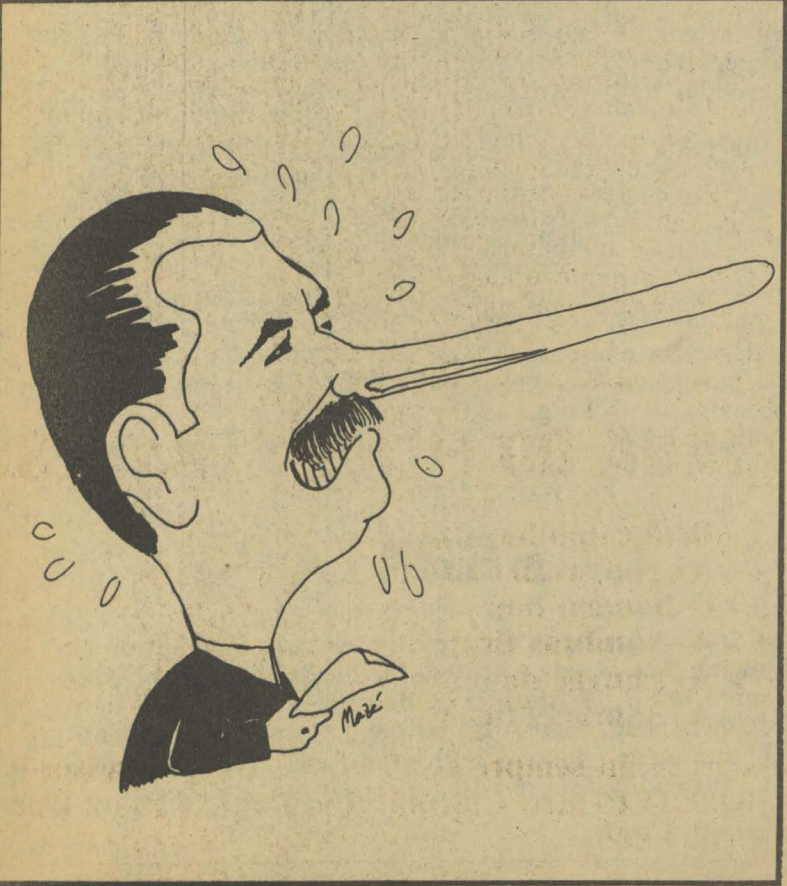
## DEMAGOGIA BARATA

Quanto às possibilidades do novo projeto ser concretizado, as coisas não mudaram, senão para pior. Os investimentos, em declínio ao longo dos últimos anos, não dão o menor sinal de recuperação. Várias lideranças da iniciativa privada já tacharam o PAG de fantasioso. Quanto ao setor público — responsável por uma boa parcela das aplicações previstas — encontra-se cada vez mais estrangulado por dívidas, que desaguam no gigantesco déficit público.

Problemas como o da dívida externa, que drenam quase todos os recursos que poderiam ser destinados a investimentos internos, continuam sendo tratados de maneira contrária aos interesses nacionais. Falar em crescimento anual do PIB à taxa de 7%, nessas condições, é demagogia barata. O país vive uma recessão que foi opção, embora não admitida, "do próprio governo", como observou o economista Tito Ryff.

De qualquer forma, nada é comparável à hipocrisia do atual governo na retórica sobre os salários. "Eu acho que se os trabalhadores meditarem no que nós fizemos nestes anos em seu benefício, verificarão que nenhum governo fez tanto e teve tanta atenção para os seus problemas como este governo", teve a coragem de dizer o presidente Sarney numa de suas últimas "Conversas ao pé do rádio".

Quando assumiu, em 1985, como agora, ele prometeu dobrar o valor do salário mínimo e conceder aumentos reais a todos os trabalhadores. O que fez, contudo, foi promover o maior arrocho salarial da história do país, consolidado através do Plano Bresser em 12 de junho. Hoje as perdas médias dos salários superam 50%, conforme atestam os dados levantados pelo Dieese. O mínimo, quando medido em dólares, chegou a valer 103,91 dólares e no início do governo Sarney, em maio de 1985, estava a 67,21 dólares. O presidente prometeu dobrá-lo; solenemente. Hoje, o salário mínimo de Cr\$ 2.640, ao câmbio oficial, não alcança miseráveis 30 dólares. (O salário mínimo real do Dieese chega a Cr\$ 19,2 mil). O que se pode esperar até o final deste demagógico governo?



LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

# Mau caminho do vira-casaca

Algumas pessoas se admiram com o fato de militantes e dirigentes as vezes com longos anos de atuação no partido do proletariado, de uma hora para outra se transformem em elementos antipartido. Por não compreenderem este processo, tais pessoas tendem a tratar os tráfugas com tolerância e não como inimigos do proletariado.

## OPÇÃO COTIDIANA

Ocorre que a opção comunista não se restringe a uma declaração formal, nem a uma "vocação" revolucionária. Como afirmava Diógenes de Arruda Câmara, "ser comunista é uma conduta de vida e não apenas um momento". É um aprendizado cotidiano e ininterrupto. É estar vigilante dia após dia para revolucionarizar as idéias e práticas sob a direção do partido e sob o controle do organismo onde se atua.

Mas alguns vão perdendo o espírito autocrítico, tornam-se vaidosos, caem na autosatisfação, passam a computar o que já fizeram e o que aprenderam em vez de estimular a busca do que tem de ser feito e do que precisa ser estudado. Apegam-se a uma meia dúzia de textos ou frases e com elas justificam todas as suas atividades. Começam a fazer política por "intuição", menosprezam a teoria científica e o partido e tratam de sua própria promoção. Perdem a cor vermelha, deixam o individualismo prevalecer sobre a concepção proletária.

## GOTA D'AGUA

Lênin, falando sobre os que ele chamava de "companheiros de viagem", mostra que "não assimilam senão alguns aspectos do marxismo, certas partes da nossa concepção de mundo".

Mas ao esgotar estas suas ligações com o proletariado, certos elementos pretendem continuar fazendo política - evidentemente, a partir daí, política burguesa. E por isto mesmo política contra o proletariado. Voltam-se então furiosamente contra o destacamento de vanguarda da classe operária. Precisam destruir o maior obstáculo que se coloca à sua frente na nova opção de ludibriar os trabalhadores. Precisam atacar os dirigentes comunistas que, com sua prática conseqüente junto ao partido e o povo, representam uma acusação permanente aos que capitularam aos apelos burgueses.

Clara Zetkin mostrou, em intervenção na Internacional, que "cada um com sua vontade e suas ações, é apenas uma única gota d'água no mar de um todo, mas pode constituir a última gota d'água que transborde o recipiente da vontade revolucionária das massas para a luta". Enquanto isto, os que deixam as fileiras comunistas para servir aos patrões, por terem absoluta consciência do perigo que representa a revolução para sua carreira, fazem tudo para evitar que o recipiente se encha. Tornam-se inimigos do partido e agentes da contra-revolução. Qualquer complacência com este tipo de gente só poderia levar à desagregação da organização da classe operária.

## ROTA PERIGOSA

No movimento comunista internacional acontecimentos deste tipo não são novidade. Os exemplos de Kautsky, de Trotsky, de Krushev, que se transformaram em agentes descarados da burguesia são bem conhecidos. No Brasil também, Prestes, Nelson Levy, Genoíno, Novais e outros, ao romper com as concepções proletárias, transformaram-se em inimigos furiosos do partido comunista, tendo como principal objetivo de sua atuação a destruição do PCdoB. Barbosa, Amelinha e seus colaboradores, que tentaram sabotar o partido em São Paulo, seguem a mesma trilha.

(Rogério Lustosa)

## ALBÂNIA

# Cinema nascido da revolução

Tem início no dia 13, no Centro Cultural São Paulo, a Semana do Filme Albanês. Uma rara oportunidade de os brasileiros conhecerem algo da arte albanesa. A *Tribuna Operária* publica, abaixo, um artigo de Ghjuvan Petru Graziani, crítico de cinema e diretor da Associação de Amizade Franco-Albanesa, extraído da revista "Albanie", nº 10, deste ano.

Há 40 anos nascia o cinema albanês. Em abril de 1974, o jovem poder popular decretara (foi uma das primeiras medidas no campo cultural) a nacionalização das sete salas de cinema do país e a criação da Empresa Cinematográfica do Estado. Abria-se assim, a porta à produção de filmes verdadeiramente nacionais, o que não poderia ter existido antes de 29 de novembro de 1944 - data em que, sob a direção do Partido Comunista da Albânia, conduzido por Enver Hoxha, a Albânia se libertou, sozinha, do jugo nazifascista.

As tarefas confiadas à empresa eram múltiplas: incubia-lhe administrar as salas existentes; organizar um cinema móvel que percorresse todas as regiões do país; importar e distribuir filmes estrangeiros que respondessem às preocupações políticas e sociais da época e, sobretudo, criar rapidamente as bases materiais para sua própria produção. A partir de 1947, os cinemas-móveis puderam mostrar os primeiros documentários produzidos no país, que refletiam a atualidade política e as transformações em curso na sociedade.

Para realizar esses filmes ("A manifestação de 1º de Maio" e "A visita do camarada Enver Hoxha à Albânia e Central Meridional"), para que as telas albanesas pudessem, como disse Viktor Gjika, "falar uma língua nacional", foi preciso desenvolver esforços consideráveis, num país devastado pela guerra, e improvisar na falta de quadros e experiência nesse campo. Quanto à montagem e evolução dos filmes, durante muito tempo ainda se efetuaram no exterior. Os primeiros cineastas albaneses caminharam em terreno totalmente virgem, na ausência de qualquer tradição nessa arte.

Somente depois de cinco anos, com a inauguração em 1952 dos estúdios "Nova Albânia", a produção começou a ganhar seriedade. Naquela época, na França, o cinema se desprendia dos clássicos de antes da guerra e da ocupação e a "nouvelle vague" revelava suas primeiras películas. Mas esse "nouveau souffle" cultural passou a enfrentar a chegada dos filmes americanos ("westerns" principalmente), que inundaram a Europa.

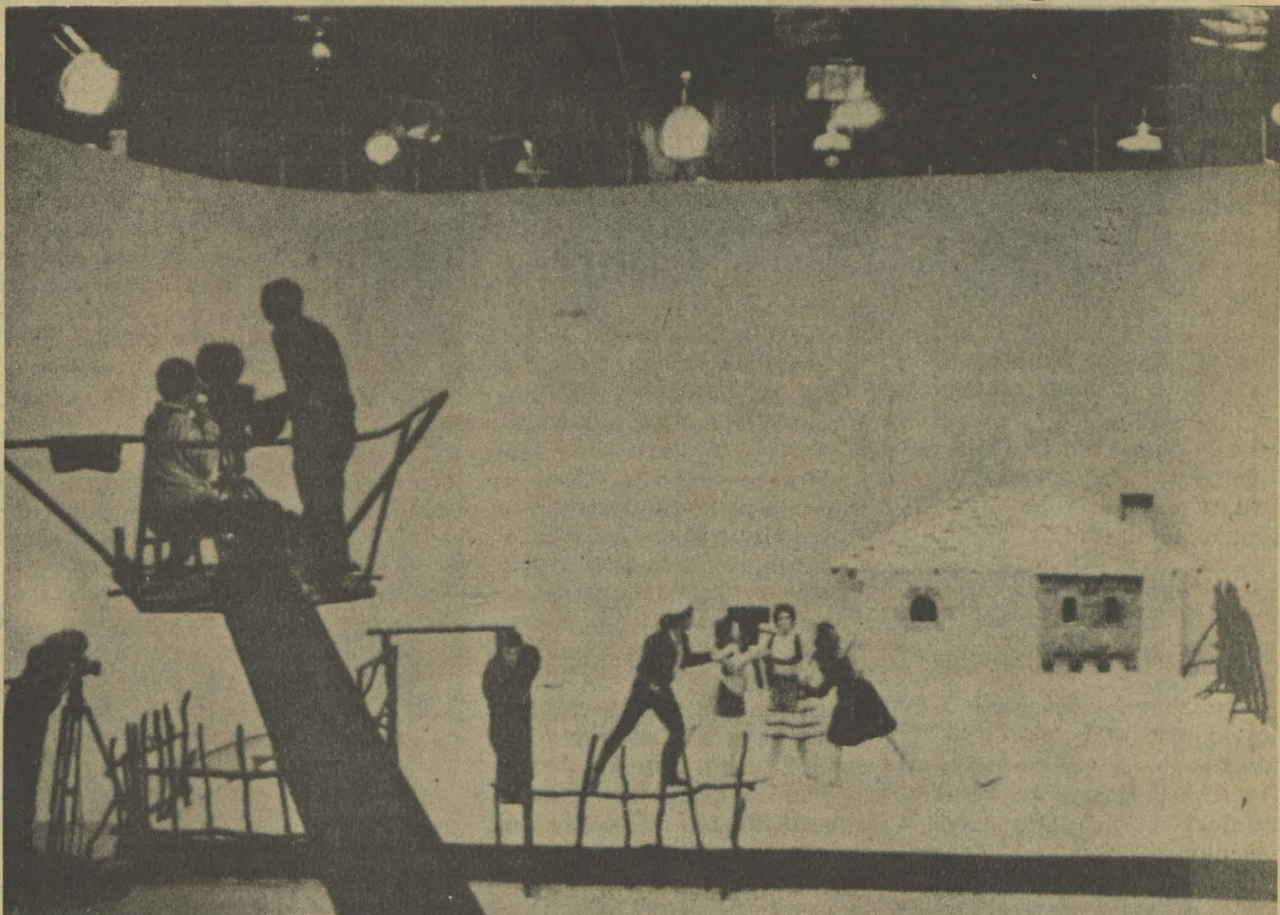
## Cinema nasce engajado na reconstrução e na transformação do país

No momento em que as telas francesas exibiam os primeiros filmes da juventude simbolizada pelos blusões negros, a motocicleta e a música rock, a Albânia já produzia seus documentários destinados à mostrar e sustentar o elã de todo um povo (o da jovem geração, em particular) engajado na reconstrução e transformação da pátria, e trabalhava em seu longa-metragem de ficção que terminou em 1958 ("Tana" de Kristaq Dhamo). O verdadeiro impulso da cinematografia data dos anos sessenta, período essencial para a Albânia contemporânea, pois, tendo rompido com a União Soviética, todo o país se mobilizou num esforço gigantesco para assegurar sua independência e construir a nova sociedade.

Nos anos cruciais que se seguiram, os cineastas lentamente se aproximaram do povo, garantindo, através da crítica dos seus inimigos, refletir fielmente as suas aspirações. Hoje, 40 anos depois da criação da empresa cinematográfica, 30 da realização do primeiro longa-metragem e 15 da produção do longa-metragem a cores, o cinema albanês permanece um dos mais ignorados do mundo e o mais desconhecido na Europa.

Apesar dos esforços da AAFA na organização, em Paris, de semanas de filmes albaneses, o grande público continua a ignorar sua produção cinematográfica, que é mantida fora de nossas salas e das TVs.

E, no entanto, como progrediu o mais jovem cinema europeu, em plena maturidade de estilo, som e imagem profundamente nacio-



Filmagens nos estúdios "Nova Albânia": um cinema que vem ganhando reconhecimento em todos os festivais

nais! Suas apresentações em festivais de cinema já atraíram a crítica especializada que tem elogiado a qualidade da interpretação e das imagens vindas desse país de inegável autenticidade.

Embora os críticos não tenham ainda tomado o conhecimento das mais recentes produções, como a adaptação de "Avril Brisé" de Ismail Kadaré, dirigida por um jovem cineasta, filme que tivemos o privilégio de admirar, apenas terminando, numa projeção privada nos estúdios "Nova Albânia".

No plano quantitativo, durante esses 30 anos, uma vintena de cineastas (dentre os quais se destacam Viktor Gjika, Kristaq Dhamo, Dhimiter Anagnosti, Xhanfise Keko, Pilro Milkani...) realizaram cerca de 150 filmes. A produção cresceu, passando de um filme por ano no primeiro decênio a cinco no quinquênio de 1970-75, atingindo há pouco a média anual de 15 longametragens, aos quais deve-se acrescentar outros tantos desenhos animados e 80 documentários em curta-metragem.

## A filmografia albanesa não pretende apenas retratar a realidade

Essa produção é soma muito importante para um país que recentemente passou a contar 3 milhões de habitantes. Assim como a nação no seu conjunto, o cinema albanês está manifestamente atento à sua própria renovação, aos esforços cotidianos realizados para edificar uma sociedade livre e um novo homem.

Na verdade, ele mantém com a imagem uma relação apaixonante, pois se quer positivo. Isso resulta às vezes um certo deslocamento com a visão própria do espectador estrangeiro, que não está mais acostumado a ver cinema que de fato dialoga com seu público, que ao mesmo tempo testemunha e propõe, que sugere e critica, que reflete a realidade e questiona o futuro na medida das elevadas aspirações dos homens e mulheres desse país. Durante esses 30 anos que cobrem simultaneamente (quantas dificuldades!) a adolescência e agora a maturidade do cinema albanês, ao permanecer fiel ao princípio do realismo socialista, soube se libertar dos estereótipos e esquematismos, soube fazer do herói positivo um homem real e não uma caricatura que o espectador não consegue acompanhar de uma extremidade a outra da tela.

Quanto aos cinéfilos ocidentais, para apreciá-lo resta-lhe ainda aceitar seu rompimento com as convenções comerciais de sociedade, em que o personagem habitual do anti-herói (evoluindo num universo marginal e negativo) não existe, e que se situa em oposição àquele que os fabricantes de "Rambos" do além-Atlântico querem nos obrigar a digerir.

Esse jovem cinema teve o mérito de afirmar sua identidade não somente produzindo obras destinadas a mostrar os processos revolucionários em curso, pois soube também inspirar-se na história plurisecular das incessantes lutas travadas pelo povo contra seus opressores. Foi assim que ele conseguiu, realmente, arraigar a nascente tradição cinematográfica albanesa na longa história do país das Águia. Numerosos são

os filmes que evocam o passado e os períodos históricos da Albânia. Nem todos têm o mesmo valor. Alguns, cada vez menos, permanecem presos a uma concepção muito esquemática dos acontecimentos, ou apresentam retratos estereotipados dos personagens históricos.

Mas hoje os cineastas albaneses, pelo menos os melhores, estão plenamente conscientes de suas limitações e se dedicam a resolver as contradições que existem e surgem permanentemente entre a criação e o épico, entre a inovação e a tendência ao conformismo. São desses debates, nos quais participa amplamente o público, que nascerão obras cinematográficas ainda mais poderosas, no seio de um cinema que de modo algum renuncia à missão que lhe coube.

Os problemas que deve resolver uma sociedade lançada no progresso, aqueles que a vida moderna coloca particularmente à juventude, a evolução dos valores e suas repercussões na vida social, no seio do casal e da família, eis os temas que os cineastas abordam, cada vez com mais lucidez e conscientes das tarefas morais que realizam, sem esconder as tensões que às vezes essas evoluções criam na sociedade e sem evitar seus efeitos na vida das pessoas.

Entre um mundo definido e um não-definido, os filmes albaneses têm a ambição de encorajar a imaginação do espectador, ao invés de fazê-la refém de um pensamento empobrecido e esterilizador. Visam manter íntegro o diálogo entre o espectador e o cinema, entre o público e seu cinema. Aprofundando um pouco a análise desta dinâmica produção, pode-se destacar outros traços que a caracterizam. Acima de tudo, sem nenhuma dúvida, na própria concepção de seus autores, os filmes albaneses são menos um espetáculo que meio de expressão e de incitação, cuja função é traduzir em obras cinematográficas as preocupações sociais e políticas da sociedade socialista.

## Obra de grande coerência ideológica e comprometida com a edificação socialista

Daí a recusa manifesta da espetacularização enganosa, como também do populismo ou do miserabilismo. O tema da luta de libertação nacional, por exemplo, não é concebido (mesmo quando esta tendência marcou algumas obras mais antigas) como uma simples exaltação do heroísmo guerreiro, de vez que é tratado principalmente como uma etapa

no sentido da libertação nacional.

A clara exigência de realizar filmes que busquem o mais amplo diálogo com o público, de realizar obras que não sejam fechadas em si mesmas, como se elas se limitassem a marcar o fim de uma pesquisa puramente estética, traduz-se pela vontade de narrar uma história que fale concretamente ao espectador e que se projete na sua vivência. Onde a sinceridade na expressão, não obstante o didatismo ainda muito pesado ou o recurso ilusório às provadas receitas de "heróis positivos" não repousando sobre nenhuma análise social precisa, vem comprometer o aspecto pessoal da criação.

Formar um cinema nacional passa também por uma reapropriação crítica da tradição pelo cuidado, abeberando-se na cultura albanesa, de desembaraçá-la de seus aspectos retrógrados, de livrá-la de sua ganga para restituir um novo vigor a seus elementos positivos. Assim poderá então ajustar-se às melhores tradições da cinematografia mundial, como a dos franceses dos anos 30, a do neo-realismo dos italianos, ou a dos soviéticos de antes da guerra.

Nessa obra de grande coerência ideológica, o que mais impressiona é a ultrapassagem de uma simples denúncia da realidade que se deseja transformar. Os cineastas albaneses não se contentam em descrever, eles têm consciência de trabalhar num país de grandes obstáculos e são levados a perseguir o progresso de toda sociedade. E é apoiando-se no poder popular que estigmatizam os vícios persistentes, que mostram o caminho.

Longe de se curvar às idéias estranhas à sociedade, concebem seus filmes como um instrumento nas mãos das massas para que elas tomem consciência e transformem a realidade. Finalmente, esse cinema é atraente por todas essas razões, porque não pretende de maneira alguma respeitar uma neutralidade na interpretação do mundo, sem dúvida ilusória, mas entende, ao contrário, que se deve sugerir ao espectador os meios próprios para resolver os problemas que surgem.

Porque, no fundo, recusa toda a concessão à contestação confusa ou ao esteticismo disparatado. Porque não trata, em nenhum momento, de descrever com complacência os rompimentos sócio-existenciais de personagens irrelevantes. Porque, enfim, sabe evitar as armadilhas de uma injeção artificial do fato político na mensagem que a Albânia ousa transmitir ao mundo. (Ghjuvan Petru Graziani)

## SEMANA DO FILME ALBANÊS

- Dia 13 - Beni caminha sozinho
- Dia 14 - As chuvas de outono
- Dia 15 - O homem bom
- Dia 16 - As sombras ficam
- Dia 17 - As chuvas de outono
- Dia 18 - As sombras ficam

As sessões serão sempre às 19 horas, com ingressos a Cz\$ 30,00. O Centro Cultural São Paulo fica na Rua Vergueiro, 1.000.

Fundação Maurício Grabois

## GREVE DOS SERVIDORES

# Previdenciários saem vitoriosos

A partir de uma pauta de reivindicações aprovada em congresso nacional da categoria, os previdenciários resistiram bravamente a várias pressões do Ministério da Previdência, às vacilações do ministro Raphael de Almeida Magalhães, e após 21 dias de greve, voltaram ao trabalho com alguns pontos de suas exigências aceitos e mais duas promessas: a revisão das punições e a de que o plano de carreira seja votado logo.

A categoria dos previdenciários — 235 mil servidores em todo o Brasil — encerrou sua greve nacional na última quarta-feira com um certo sabor de vitória. Como resultado da mobilização o ministério da Previdência Social se comprometeu a pagar 50% sobre o salário atual já em outubro e os restantes 50%, no holerith de novembro. O comando nacional de greve deixou claro que não cumprido o acordo, no próximo dia 28 de outubro todos os Estados retomarão o movimento que se notabilizou pela tenacidade. Foram 21 dias de paralisação, enfrentando toda a sorte de pressões, indas e vindas de um Ministério dirigido por Raphael de Almeida Magalhães (PMDB-RJ), acusado de incúria administrativa pelo PFL, e ao mesmo tempo acusador, por práticas de corrupção, dos po-

líticos pefelistas. O fato é que o ministro está no epicentro da crise política mais recente da Nova República (cada vez mais parecida com a Velha), junto com os dirigentes do PFL, ex-ministro da Educação, Jorge Bornhausen, o presidente Sarney e o super-presidente (da Constituinte, do PMDB e vice-presidente da República) Ulysses Guimarães. O movimento reivindicatório dos previdenciários pôde contar, a seu favor, com esta delicada situação política, em que o Ministério da Previdência estava na berlinda.

## PÉSSIMAS CONDIÇÕES DE TRABALHO

Mas o aspecto fundamental que deu força à greve é a precaríssima condição de vida e de trabalho dos previdenciários. O cidadão que ingressa



Previdenciários em São Paulo aprovam o indicativo de suspensão da greve do comando nacional

neste serviço público recebe apenas Cz\$ 2.500,00, enquanto que o que se aposenta com referência NM 32, Cz\$ 6.700,00. É por essa razão que outro item importante da pauta de reivindicações exige a elevação do piso-salarial da categoria para o índice estima-



do pelo DIEESE, agora avaliado em Cz\$ 19.200,00. Com o salário violentamente rebaixado, um sistema arcaico de marcação de consultas, um número reduzido de postos de atendimento, não é preciso que haja greve para que os brasileiros recebam um dos piores atendimentos previdenciários do mundo. “Uma pessoa que procure a Previdência precisando de uma cirurgia”, argumenta Valquíria Antunes Costa presidente da Associação dos Servidores do Hospital Brigadeiro, em São Paulo, “pode levar até dois meses para ser atendida”. Membro do comando de greve em São Paulo, Valquíria considerou altamente positivo o movimento do Brasil inteiro: — “A adesão foi em torno de 90%, ou seja, 210 mil servidores pararam. Sem dúvida, foi uma das maiores greves já realizadas pela categoria, atingindo

quase todos os Estados e promovendo uma grande conscientização do conjunto dos previdenciários. Além disso, o movimento contou com o apoio de vários partidos, como o PC do B, o PCB, o PT e setores mais progressistas do PMDB. Ficou bem claro para todos nós que somente na luta é que poderemos avançar em nossas reivindicações”.

## O PLANO DA CARREIRIA

Além das conquistas salariais, os previdenciários obtiveram o compromisso das lideranças partidárias no Congresso Nacional de que a proposta do Ministério da Previdência de reformulação do plano de carreira seja votado em regime de urgência. O comando nacional calcula que até dezembro seja possível ver esse plano votado e aprovado.

Pedro de Oliveira

## GREVE DOS GASEIROS

## Prova de força

Iniciada no último dia 2, a greve dos trabalhadores nas empresas de engarrafamento e distribuição de gás continua com forte adesão na Grande São Paulo, em Porto Alegre e no Rio de Janeiro. O próprio Sindigás (entidade patronal) reconhece que a maioria dos depósitos está sem estoque de botijões engarrafados e que as casas de distribuição do produto estão esvaziadas. Os empresários confessam que, 2,5 milhões de casas foram afetadas pela paralisação.

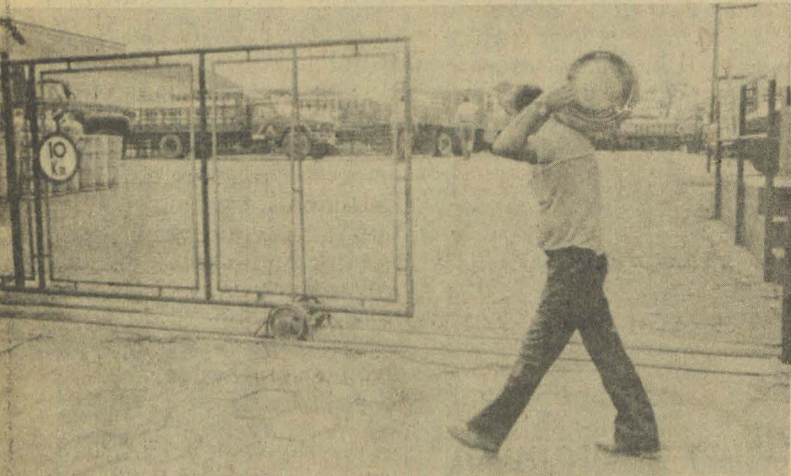
A categoria reivindica 153% de reajuste para repor as perdas salariais desde agosto passado. No Estado de São Paulo a base sindical conta com 25 mil trabalhadores, sendo que 15 mil operam na região metropolitana. Com a greve no setor fica demonstrada a importância da categoria. O gás engarrafado atende 97% dos lares brasileiros, através da distribuição de aproximadamente 55 mil botijões por mês em todo o país.

## JOGADA PATRONAL

Apesar do peso do setor, os empresários tem adotado uma postura inflexível nas negocia-

ções salariais. Até o momento eles ofereceram apenas 21,84% de reajuste salarial e rejeitaram inclusive as propostas conciliatórias da justiça. Os patrões também têm tentado esvaziar o movimento utilizando-se de instrumentos ilegais. Segundo Nelson Martine, diretor do Sindicato dos Trabalhadores no Comércio de Minérios e Derivados de Petróleo de São Paulo, a Ultragás — empresa que detém 60% do mercado paulista — foi autuada pela Delegacia Regional do Trabalho por recrutar pessoas sem qualificação profissional para engarrafar o gás.

Além disso, as empresas procuram se aproveitar do justo movimento reivindicatório dos trabalhadores para pressionar o governo a aumentar o preço do produto. Atualmente o gás engarrafado custa Cz\$ 129,70. Mas os empresários chegam a sugerir uma elevação para Cz\$ 500,00 — o que equivaleria a 20% do salário mínimo. Na última reunião do comando de greve, as lideranças sindicais decidiram pela continuidade da greve e condenaram qualquer tentativa patronal de repasse dos preços.



Em São Paulo os caminhões de gás ficaram estacionados

## ABRASIVOS DE SÃO PAULO

## Eleição dá nova força ao sindicato

A eleição no Sindicato dos Abrasivos de São Paulo, apurada dia 1º, mostrou uma rara unidade: a Chapa 1, “do tostão”, teve 901 votos; a chapa patronal “do milhão”, 163 votos. A Bombril de São Bernardo puxou a corrente classista, alcançando a proporção de oito votos para um. Agora a categoria dá novo impulso à sua campanha salarial.

A diretoria eleita atribui o resultado esmagador ao descaramento antioperário da chapa adversária. “A categoria viu mesmo que a chapa dos homens era patronal”, assinala José Carlos da Silva, eleito secretário geral. Ademir, também recém-eleito e operário da Bombril, concorda: “A

nossa chapa é combativa e respeitada; agora, um fator decisivo foi a chapa 2”.

## SINDICATO CHEIO

Só o resultado eleitoral bastou para dar vida nova ao Sindicato. A sub-sede da av. Rudge Ramos, perto da Bombril, passou a viver cheia de trabalhadores da base. O ritmo da sindicalização cresceu da noite para o dia. Trabalhadores e trabalhadoras (elas são majoritárias na categoria) agora cobram abertamente dos novos diretores o cumprimento de seu compromisso de luta. E até pessoas que entraram na Chapa 2 enganadas pelo patronato reconhecem o erro e se integram no movimento de renovação e fortalecimento do Sindicato.

## BATISMO DE FOGO

O primeiro teste da nova dire-

toria será antes mesmo da posse, pois a categoria se encontra em plena campanha salarial. Para Carlos Alberto Pedrosa, o presidente recém-releito, o resultado eleitoral vai influir diretamente nas negociações, pois “a Chapa 2 foi uma manobra patronal” e agora, que ela foi derrotada por tão larga margem, “nós temos todas as empresas a pique de parar”.

O patronato até agora mostra-se inflexível nas negociações, mas está em situação vulnerável. A Bombril, em especial, tem vários contratos de exportação atrasados e até contratou trabalhadores temporários para dar conta da produção. Os operários sentem que nestas condições uma greve terá fortíssimo poder de “convencimento”. (Bernardo Joffily, de SBC)

## METALÚRGICOS DE SÃO BERNARDO

## Congresso aponta desvios

Com a presença de 400 delegados de 77 empresas, mais 16 convidados, encerrou-se no último dia 4 o 5º Congresso dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. Suas resoluções apresentam um golpe no “sindicalismo vanguardista, presente em algumas práticas e concepções sindicais de setores da CUT” — como afirmam as próprias teses da diretoria.

No plano mais geral, o Congresso decidiu concentrar fogo em três questões: exigência de não pagamento da dívida externa, pressão vigorosa sobre a Constituinte e diretas já para presidente. Os delegados decidiram, por unanimidade, aplicar e propor ao conjunto do movimento sindical um “estado de alerta geral” diante dos rumos da Constituinte, levando para a categoria esta questão ainda pouco tratada.

## SINDICATO E PARTIDO

No entanto, a discussão mais acesa foi sobre a concepção e a prática sindical. E neste particular a categoria e seus

dirigentes mostraram um sensível amadurecimento. As teses trotskistas e trotskizantes, de um sindicato de “vanguarda” mas sem massa, sofreram pela primeira vez um bombardeio cerrado, terminando isoladas e esmagadas.

Vicentinho, eleito em junho presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, expôs à Tribuna Operária o porquê deste combate: “Essa visão vanguardista não compreende que a massa, para nós, é o fundamental. Que não podemos ter posições revolucionárias sem sustentação de massa. Há pessoas que pensam que sindicato é partido. Isso nos preocupa muito. Para mim, o sindicato precisa ter capacidade de aglutinar a classe. Revolucionário é o sindicato que tem condições de unir a classe.”

Este debate apenas se iniciou na categoria. E, além das teorias trotskistas, enfrenta também uma visão bastante disseminada nos ativistas de São Bernardo e Diadema, que enxerga o Sindicato e o PT praticamente como uma coisa só. Porém o 5º Congresso foi um primeiro passo com a intenção deliberada de enfrentar o problema.

Um exemplo foi o adendo aprovado para caracterizar a visão correta do sindicalismo. A tese propunha “um sindicalismo independente, combativo, classista e de massas”. A plenária, além de acrescentar “democrático”, detalhou: “independente do governo e dos partidos”. E o argumento usado, sintomaticamente, foi a necessidade de “deixar cla-

ro” que o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema “não está atrelado a partido nenhum”. A aprovação foi maciça.

## DIA 20 NA GARGANTA

Toda essa discussão foi acompanhada com interesse, nas reuniões preparatórias, nos grupos e plenárias. A maioria dos que participaram dela são operários jovens, que nunca antes haviam participado de um congresso, mas que têm espírito de luta, sabem pensar com suas próprias cabeças e não receiam questionar e cobrar posições de seus dirigentes. O ambiente participativo foi um sintoma, para Vicentinho, de que “a categoria está levantando a cabeça”.

Quer dizer então que os metalúrgicos de São Bernardo e Diadema estavam de cabeça baixa? Não, mas Vicente admite que existem problemas: “A greve geral de 20 de agosto foi a constatação de que o negócio estava ruim”, afirma ele, referindo-se à adesão quase nula dos metalúrgicos de sua base. Entre os veteranos da categoria, fala-se com saúde das jornadas de 1978, 79 e 80, quando o movimento era mais forte e enraizado na base. Fica a impressão de que a direção do Sindicato, sabendo disso, busca o caminho de uma retomada. E se é assim o 5º Congresso foi um bom começo, a julgar pelo entusiasmo com que os delegados aplaudiram, ao final dos trabalhos, as notas da “Internacional”. (Bernardo Joffily, de SBC)



Vicentinho: preocupação com a desmobilização na base sindical

## Impasse na campanha

Prossegue o impasse na campanha salarial dos 650 mil bancários de todo o país. Mesmo após os protestos da semana passada, com greves e manifestações de rua em vários Estados, a Fenaban (Federação Nacional dos Bancos) não recuou na sua intransigência. Ela diz que aceita conceder “um pouco mais” do que os 14,8% de reajuste salarial propostos inicialmente, mas afirma taxativamente que não chegará “nem perto” dos 44,56% concedidos pelo Banco do Brasil.

Além disso, os banqueiros têm se recusado a realizar reuniões formais de negociação com os sindicatos da categoria. Após rejeitar as decisões de vários tribunais (TRTs), a Fenaban aguarda a publicação dos acordãos para entrar com recurso no Tribunal Superior do Trabalho e só aceita promover conversas informais com as entidades sindicais.

Para evitar a desmobilização, os vários sindicatos programaram atividades na base e mantêm o estado de alerta. Na capital paulista estão previstas algumas paralisações parciais em agências e a realização de assembleias regionais. O objetivo é reativar a campanha e pressionar os banqueiros a negociar.

## Assembleia da Anas

Mais de 500 assistentes sociais de todo o país, de uma categoria com cerca de 40 mil profissionais, realizaram nos dias 2, 3 e 4 de outubro, no Mineirinho, Belo Horizonte, a sua 3ª Assembleia Nacional. Na discussão sobre a conjuntura política, o fórum máximo da categoria aprovou teses avançadas, como a luta pelas diretas em 88.

Já no debate sobre a ação sindical, a assembleia manteve a resolução em defesa da Convenção 87 da OIT. Mesmo alertada que a implantação dessa norma internacional apresenta o perigo do plurisindicalismo, a direção da Associação Nacional Pró-Federação dos Assistentes Sociais (vinculada à CUT) não que-

As divergências no terreno das concepções sindicais também se fizeram sentir na formação de duas chapas que disputarão a diretoria da Associação. A atual direção se recusou a compor uma chapa unitária e foi articulada na própria Assembleia a Chapa 2, que reúne um amplo leque de forças e é encabeçada por Ana Maria Guedes, da Bahia.

Segundo Ana Maria Guedes, o posicionamento da atual diretoria da entidade nacional “não fortalece o movimento das assistentes sociais. Ela confunde partido com entidade sindical e acaba dividindo a categoria nas suas lutas. Sua visão sectária enfraquece a Associação”.

(da sucursal)

## Mostra de vídeos

Com o propósito de manter acesa a luta pela reforma agrária, entre os dias 22 e 23 de outubro ocorrerá a “1ª Mostra Educativa do Vídeo Sobre a Terra”, na sala Walter da Silveira da Biblioteca Central dos Barris, na Bahia. O evento está sendo organizado pelo Grupo Pró-Reforma Agrária da Assembleia Legislativa do Estado, Centro de Estudos e Apoio ao Trabalhador Agrícola (Ceata) e Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetag-BA).

Conforme a convocatória, todos os produtores e realizadores de vídeo terão condições de apresentar seus trabalhos. “Pretendemos debater e analisar a questão do uso dessa linguagem como forma de expressão do homem do campo”, afirma. A programação do evento é bastante abrangente: na sua abertura, no dia 22, ocorrerá um ato em defesa da reforma agrária; as projeções dos vídeos serão intercaladas com debates; e ainda haverá uma homenagem ao advogado Eugênio Lyra, assassinado pelo latifúndio em setembro de 1977.

Maiores informações, falar com Hilda de Oliveira ou Virginia Vilalva, na Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. Fone: 232-7238.

## ACIDENTE NUCLEAR EM GOIÂNIA

# Uma cidade mergulhada na incerteza

Um dos maiores acidentes nucleares do Brasil e o maior com césio já ocorrido no mundo. Assim pode ser definido o desastre atômico de Goiânia, que já contaminou mais de 50 pessoas, sendo que 10 se encontram à beira da morte no Rio de Janeiro. Mais de três mil pessoas estão completamente desesperadas, pois as informações prestadas pela Comissão Nacional de Energia Nuclear - CNEN - são pouco precisas, o que vem causando pânico generalizado.

Quem são os responsáveis? É justamente aqui que reside uma incógnita, ou melhor dizendo, um jogo de empurra. Ninguém até agora se responsabiliza pelo acidente, que contaminou pessoas, animais e imóveis.

A CNEN culpa o Instituto de Radioterapia, afirmando que constitui falta grave desativar uma bomba de radiação e não comunicar o fato a ela, que licencia e fiscaliza o uso de qualquer equipamento radiativo instalado no país.

Mas uma análise mais completa do problema demonstra que sequer a CNEN está preparada para exercer estas funções. Prova disso é que dentre as 118 bombas de radiação em uso atualmente no país poucas são vistoriadas e calibradas com regularidade. Além disso,

o CNEN está enfrentando enormes dificuldades até mesmo para localizar o conjunto de pontos contaminados em Goiânia ou para avaliar que quantidade de material radiativo espalhou-se pela cidade.

Um outro problema tem tirado o sono dos habitantes de Goiânia. Se depender do governo do estado, o lixo radiativo produzido pela contaminação de objetos pelo césio-137 ficará mesmo em Goiânia, pelo menos "provisoriamente". Para isso, o governador Henrique Santillo já autorizou a preparação de uma área de 16 alqueires pertencentes ao Banco do Estado de Goiás. A medida já provocou uma manifestação de protesto por parte dos moradores das vilas Pedrosa, Concórdia, Palmito e imediações. A comunidade se revolta diante da possibilidade de ser instalado um cemitério atômico próximo a um local habitado. Os moradores do bairro chegaram a formar uma barreira humana para impedir a instalação do cemitério, que segundo alguns cientistas poderá contaminar todo o lençol freático da capital.

A falta de assistência por parte do governo é mais um

fator de intranquilidade. Os próprios parentes e amigos das pessoas contaminadas pela

radiatividade continuam desinformados a respeito do real estado de saúde das vítimas, e os moradores das áreas próximas aos focos de irradiação, que foram evacuados de suas residências, não receberam qualquer espécie de auxílio oficial, encontrando-se em alguns casos em condições sub-humanas.

A paranóia que tomou conta da população goianiense é resultado da falta de informações precisas no tocante ao procedimento a ser adotado para evitar mais contaminações. Nesse aspecto, somente no último dia 6 o presidente da CNEN, Rex Nazareth, assegurou que todas as dez áreas contaminadas estavam isoladas e sob controle.

A "achologia" dos técnicos é mais uma prova de que o país não deve ser apenas depositário de artefatos atômicos, mas deve dominar a ciência e tecnologia. Tanto é verdade que seis técnicos estrangeiros de cinco países estiveram em Goiânia na semana passada para avaliar o acidente e falar de suas dimen-



O trabalho das equipes da CNEN ainda não foi suficiente para localizar todos os focos de contaminação. E nos hospitais os doentes aguardam a morte.

sões. Uma pergunta fica no ar: se diante desse acidente os técnicos brasileiros foram incapazes, o que aconteceria, no caso de um desastre atômico em Angra dos Reis? (Gilson Cavalcanti, de Goiânia)



## CALENDÁRIO

## Che: 20 anos depois

**Embrenhado nas selvas da Bolívia, enfrentando a fome, os mosquitos e a perseguição de 1.500 bem treinados rangers bolivianos, assessorados por especialistas militares dos Estados Unidos, um grupo de guerrilheiros tentava apenas sobreviver. À frente do grupo estava Ernesto Guevara - ou simplesmente "Che", argentino de nascimento, médico de profissão, guerrilheiro por convicção.**

Corria o dia 8 do mês de outubro de 1967 e a coluna de guerrilheiros aguardava a qualquer instante o encontro inevitável com os rangers. O combate se travou numa quebrada de rio. Guevara caiu ferido mas continuou a disparar seu fuzil até quando a arma lhe foi arrancada das mãos pelas balas inimigas. Muito ferido, mas sem perigo de vida, encontrou ainda meios para socorrer seus companheiros.

Transportado para o povoado de Higueras, no dia 9 pela manhã recebeu a sentença por ordem direta dos EUA: Che tem que ser executado. O capitão Gari Prado, oficial de elite do exército boliviano, formado nos EUA e com curso na Academia Militar das Agulhas Negras - entrou na sala onde se encontra o preso e disparou uma rajada de metralhadora. Atingido no pescoço, Che recebeu o tiro de misericórdia do coronel Selnich, que

disparou sua magnum 9 mm. no coração da vítima.

## AMÉRICA LIVRE

Filho de uma família progressista da classe média argentina, Che sonhava com uma América Latina livre e independente, o que o aproximou do movimento de libertação do continente. Integrou-se com os jovens revolucionários cubanos que conspiravam contra a ditadura de Fulgêncio Batista e, com eles, partiu a bordo do Gramma para as colinas de Sierra Maestra. De simples combatente, por bravura e perícia, passou a ser um dos mais destacados comandantes da revolução, assumindo a presidência do Banco Central e o Ministério da Indústria e Comércio após a vitória.

Suas profundas convicções patrióticas o fizeram perceber quando a direção cubana aceitou a subordinação à Moscou. "Uma Cuba agrícola poria em dúvida a sobrevivência do socialismo e seria, além disso, tão débil internacionalmente que teria de viver da proteção soviética. E a revolução não foi feita para isto" - confidenciava a um amigo em 1963.

Suas desconfianças aumentaram depois de uma visita à Moscou em novembro de 1964. Percebeu que a política de "coexistência pacífica" de soviéticos e americanos faz

parte de uma divisão do mundo em esferas de influências. Em dezembro do mesmo ano suas divergências com Fidel Castro tornam-se públicas em discurso na Assembléia Geral da ONU, em Nova York, quando Che atacou a coexistência pacífica como política "de uso exclusivo das grandes potências sobre a terra".

## ERRO IRREPARÁVEL

Em 1965 abdicou de suas funções partidárias, do posto de ministro, da cidadania cubana, e foi para a África, onde participou de combates ao lado dos movimentos patrióticos.

Na Bolívia, para onde seguiu posteriormente, caiu fruto da caçada implacável que lhe moveu o imperialismo e do erro irreparável que acompanhou toda a sua trajetória política: a concepção foquista pequeno-burguesa da luta revolucionária. Che jamais compreendeu e assimilou o marxismo-leninismo, a necessidade de um partido proletário de vanguarda e o papel das massas na revolução. Sua teoria do foco se mostrou falsa e frágil para as transformações sociais que ele tanto desejou. Pensou que um pugilo de heróicos guerrilheiros seria suficiente para bater as ferozes classes dominantes e o imperialismo na América Latina.

Ao mesmo tempo em que lhe criticam com o rigor inexorável dos princípios, os marxistas-leninistas não podem, porém, deixar de exaltar-lhe a bravura e o profundo amor ao povo, à liberdade e à justiça.

Os oportunistas e revisionistas, ao contrário, ao criticá-lo procuram desmoralizar o impulso revolucionário e o sentido de luta que Che deu à sua vida e que permanecem cada vez mais vivos no sentimento dos povos.

(Carlos Alberto Andrade e Aldo Rebelo)

## Uma tragédia brasileira

Durante vários anos, o Instituto Goiano de Radioterapia, mais uma entre as muitas empresas, particulares que atuam no setor de saúde no Brasil, operou a "bomba" de césio que causou o acidente de Goiânia. A "bomba" produz radiações que, quando empregadas controladamente, são um dos únicos tratamentos que a medicina conseguiu produzir até hoje para prolongar um pouco a vida dos doentes de câncer. O Brasil moderno importou dezenas de "bombas" nos últimos anos, e elas foram instaladas tanto nos hospitais públicos, onde os pacientes enfrentam longas filas para receber o tratamento, quanto em clínicas privadas, que cobram somas expressivas daqueles que querem e podem ser atendidos prontamente.

Mas o desenvolvimento tecnológico substituiu as "bombas" que funcionam com base no pó de césio-137 por outras mais eficazes, que se utilizam de pastilhas de cobalto. As clínicas que possuíam o equipamento antigo também fizeram a troca, na verdade uma operação sim-

ples de renovação de patrimônio. No Instituto Goiano de Radioterapia, o cabeçote da bomba de césio foi abandonado em um galpão. Não gerava mais lucros, embora continuasse capaz de emitir radiações.

No dia 14 de setembro, Roberto dos Santos Alves e Wagner Mota o encontraram. Não havia guardas no galpão e sequer algum aviso que advertisse quanto ao perigo potencial do equipamento. A cobra ingênua de quem sobrevive catando e revendendo objetos encontrados nas ruas levou os dois a embarcar a peça num carinhão de madeira e encaminhá-la a um ferro-velho. A tarefa foi executada com dificuldade, mas Wagner e Pedro esperavam uma boa recompensa: pesando uns cem quilos, talvez o cabeçote fosse suficiente para salvar a féria do dia.

Devanir Alves Ferreira, dono de ferro-velho, ficou com ele. Encantou-se ao perceber que algo em seu interior brilhava à noite. Um misto de curiosidade e ignorância fez com que ten-

tasse quebrá-lo a marretadas. Não conseguiu, mas através de um orifício aberto pela ferramenta começou a sair um pozinho estranho. Generoso, Devanir distribuiu este pozinho entre parentes e amigos, como uma espécie de brinde.

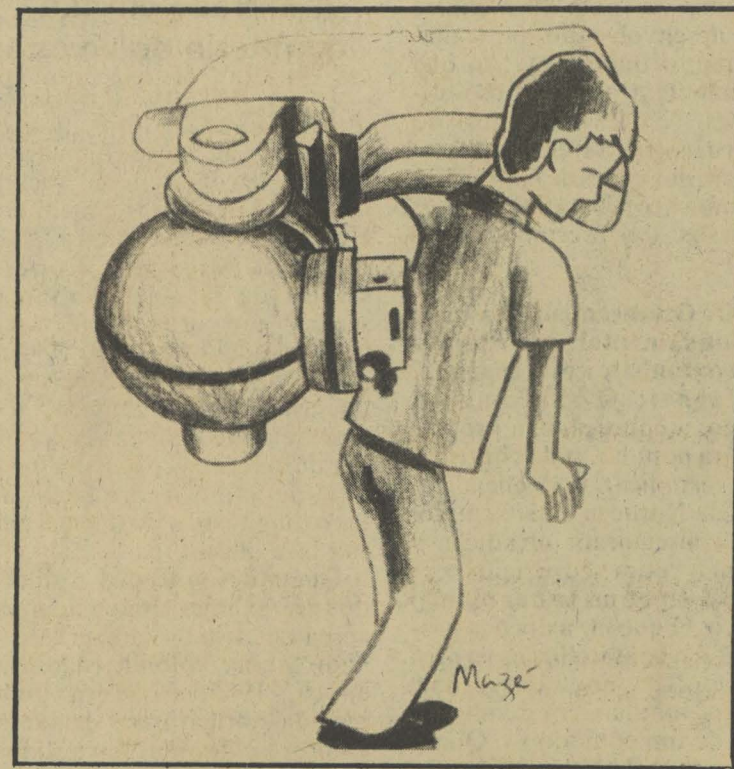
O pó também brilhava à noite, e alguns dos que foram presenteados com ele começaram a esfregá-lo pelo corpo. Era como purpurina. Teve gente que bebeu. Teve gente que jogou pela latrina, depois de satisfeita a curiosidade. O vento carregou mais um pouco do césio-137 para lugares distantes.

Até o dia 7 já haviam sido localizados dez focos de contaminação, alguns quilômetros de distância do ferro-velho de Devanir. O presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear não descartou a hipótese de que a rede de esgotos tenha sido atingida. Enquanto o pânico tomava conta da população, um helicóptero começou a rastrear a cidade, em vãos rasantes, numa tentativa desesperada de localizar outros focos.

Roberto, Wagner, Devanir e mais 7 pessoas pelo menos aguardam a morte num hospital do Rio. Não há como evitá-la, ela virá em questão de dias. É absolutamente impossível calcular quantos foram atingidos em grau menor, e sofrerão os efeitos da radiação em alguns anos, vítimas de câncer.

A imprensa abriu manchetes para falar do drama dos goianos. A energia nuclear está em moda. Mas ninguém fala na tragédia de quem sobrevive catando papel na rua, de quem arrebenta cabeçotes nucleares a marretadas e de quem esfrega elementos radiativos pelo corpo, para servir de purpurina. A dor dessa gente não sai no jornal.

(Antonio Martins)



Guevara, junto com os pais, em 1962

## Tribuna Operária

-Fone: 221-5444 - CEP 65000.  
MATO GROSSO - Curitiba: R. Comandante Costa, 548 - Fone: 321-5095 - CEP 78000.  
MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: R. Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100.  
MINAS GERAIS - Belo Horizonte: R. Padre Belchior, 285 - Centro - Fone: 224-7605 - CEP 30000.  
PARÁ - Belém: R. Manoel Barata, 993 - CEP 66000.  
PARAÍBA - João Pessoa: R. Barata, 1817, nº 116, 2º andar - Centro - CEP 58000. Campina Grande: Praça da Bandeira, 117, 1º

andar - Centro - CEP 58100.  
PARANÁ - Curitiba: R. Saldanha Maranhão, 370, 2º andar - Fone: 222-9120 - CEP 80000. Londrina: R. Sergipe, 984, sala 206, 2º andar - CEP 86100.  
PIAUÍ - Teresina: R. Desembargador Freitas, 1.459 - Fone: 222-2044 - CEP 64000.  
PERNAMBUCO - Cabo: R. Vigário Batista, 236, CEP 56500. Garanhuns: R. Dantas Barreto, 5, sala 1 - Centro - CEP 55300. Recife: R. do Bosque, 221, Boa Vista - CEP 50000.  
RIO GRANDE DO NORTE - Natal: R. Jundiá, 420 - Cidade Alta - CEP 59000.

RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: R. Vigário José Inácio, 687 - CEP 90000. Bento Gonçalves: R. Dr. Casagrande, 58 - CEP 95700. Canoas: R. Tiradentes, 130 - sala 405 - CEP 92010. Caxias do Sul: R. Bento Gonçalves, 2048 - CEP 95100. Pelotas: R. Voluntários da Pátria, 1966 - CEP 96015. Cachoeirinha: Av. Flores da Cunha, 1235, sala 20 aberto depois das 18 horas e aos sábados das 9 às 12 horas. Santa Maria: R. Mal. Floriano Peixoto, 1.357, sala 4 - CEP 97015. Rio Grande: R. Gen. Vitorino, 746-A - CEP 96200. Ijuí: R. 15 de Novembro, Edifício Nelson Luchese, s. 23, 2º andar - Caixa Postal 643 CEP 98700.  
RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: R. 1º de Março, 8 - 2º andar - Fone: 252-9935 - CEP 20000. Niterói: Av. Amiral Peixoto, 370, sala 808 - Centro - CEP 24000. Duque de Caxias: R. Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu: 110, Avenida Renato Pedrosa, 33, sala 319 - CEP 26000. SANTA CATARINA - Florianópolis: Praça XV de Novembro, 21, sala 705 - CEP 88000.

SÃO PAULO - Americana: Av. Dr. Antonio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470. Botucatu: R. Armando de Barros, 117, 1º andar, sala 2 - CEP 18600. Campinas: R. Senador Saravia, 448, fone: 2-6345 - CEP 13100. Marília: R. Dom Pedro, 180 - CEP 13500. Osasco: R. Ten. Avelar Pires de Azevedo, 28, 2º andar, sala 12 - CEP 06000. São Carlos: Av. São Carlos, 2119, Caixa Postal 533 - CEP 13560. Taubaté: R. Anísio Ortiz Monteiro, 41 - CEP 12100. São José dos Campos: R. Vilça, 195, 1º andar, sala 19 - CEP 12200. Guarulhos: R. Padre Celestino, 42, sala 8, 2º andar - CEP 12200. SERGIPE - Aracaju: Av. Rio Branco, Edifício Oviedo Teixeira, sala 1220 - CEP 49000.  
A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi, Ltda. Circulação: 100.000. Fundada em 1978. Edição: 1.000.000. Impressão: Cia. Jovens, Fone: 315-9999 - São Paulo

# A lepra se alastra no país

Calcula-se que existam no país de 500 mil a 750 mil pessoas com hanseníase - doença secularmente conhecida como lepra. Uma endemia com tais proporções e que tantos estigmas traz a seus portadores permanece esquecida das autoridades governamentais, talvez porque seja um mal que atinge principalmente a população mais pobre. Ao contrário de outros países, a hanseníase cresce num ritmo duas vezes superior ao da população.

Segundo o Ministério da Saúde, em 1986 existiam registrados 234.681 doentes com hanseníase no país. Como para cada caso conhecido existem um ou dois não diagnosticados, pressupõe-se que haja mais de meio milhão de hansenianos em nossa terra. Estes dados nos colocam como o quarto país do mundo em número de leprosos, atrás somente da Índia, Nigéria e Birmânia.

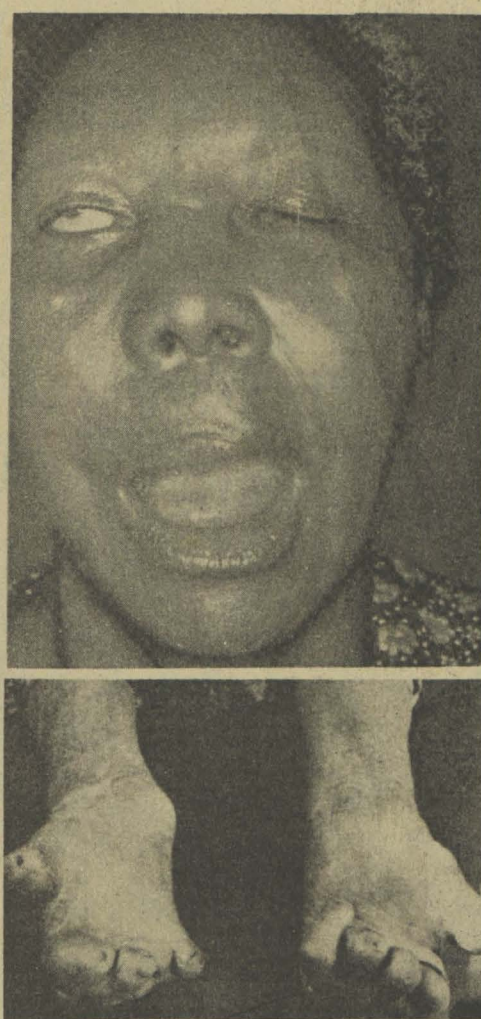
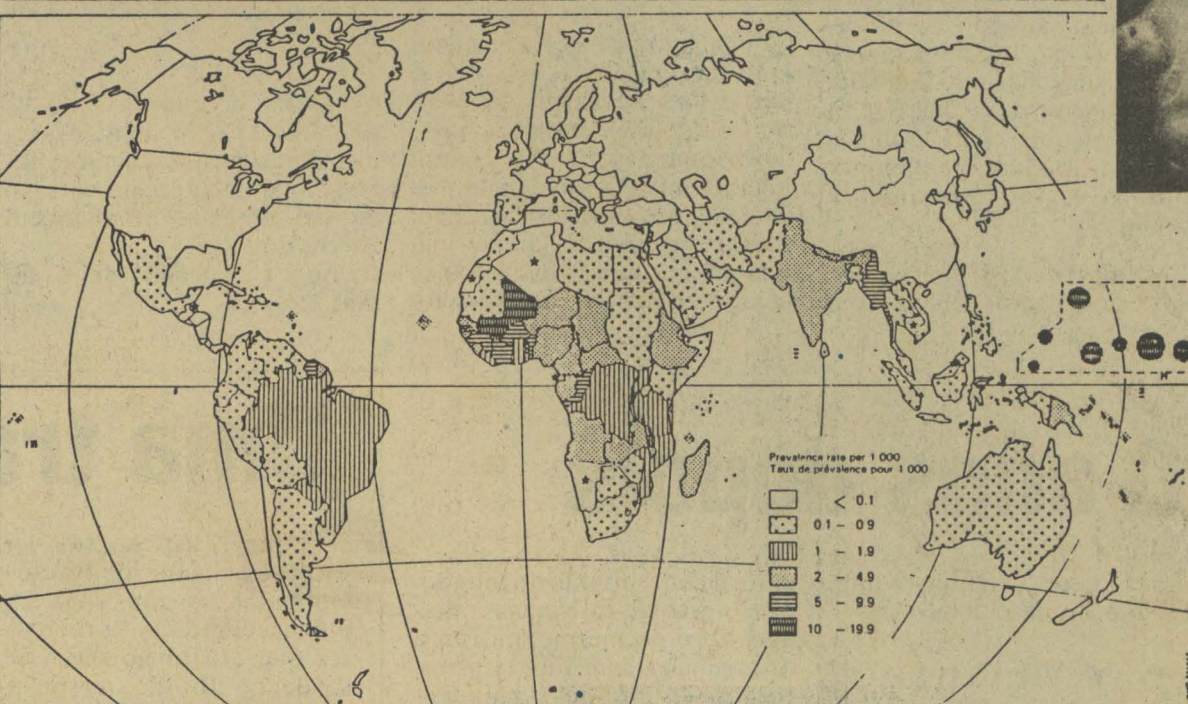
O Ministério da Saúde admite que 46% dos hansenianos identificados estão sem controle médico permanente e sem medicação. Até hoje o governo não se preocupou com a gravidade desta endemia. Nunca se fez uma campanha a nível nacional de esclarecimento sobre o mal de Hansen, o que contribui para que a população tenha um enorme preconceito contra estes doentes. Para o médico sanitário Wagner Nogueira, "tudo isso acontece, com certeza, porque a hanseníase é uma doença da miséria e não traz lucros para ninguém".

Este estigma que a doença carrega dificulta até mesmo o seu diagnóstico, pois o preconceito contra a hanseníase assusta até mesmo seus portadores. Segundo Mitie Tada Brasil, assistente técnica do Centro de Vigilância Epidemiológica e coordenadora estadual do subprograma de hanseníase para São Paulo, "é difícil convencer os hansenianos e os seus parentes a se manterem em tra-

tamento e vigilância, que duram anos, e, em alguns casos, para o resto de suas vidas. Para mudar isso seriam necessárias inúmeras campanhas educativas esclarecendo os diferentes aspectos do mal".

Apesar deste quadro crítico, alguns avanços já foram alcançados. Hoje a doença é curável com uso do medicamento à base de sulfona. Também não se faz mais a internação compulsória dos doentes em hospitais-colônias, onde o interno permanecia isolado da sociedade e dos familiares. Até mesmo a palavra lepra - que trazia desde os tempos bíblicos uma conotação pejorativa - foi substituída oficialmente pela terminologia hanseníase. Ao chamar-se um doente de leproso ele estava condenado ao ostracismo; era olhado com nojo e medo devido aos preconceitos que perduraram por séculos.

Uma outra importante conquista foi a criação, em 1981, do Movimento de Reabilitação do Hanseniano (Morhan), entidade sem fins lucrativos, cujo objetivo é a completa reintegração social do portador do mal de Hansen. Um ex-hanseniano, completamente curado, membro do Morhan, confessa que "ainda hoje corre-se o risco de perder as amizades, perder o emprego, ter problemas com a própria família quando se descobre que está com hanseníase. É aquele fantasma de uma doença do passado".



As péssimas condições de moradia no país contribuem para que a hanseníase se alastre. À esquerda o mapa mostra a prevalência da doença no mundo em 1985 (taxa por mil pessoas). Na foto superior, pessoa com paralisia facial devido ao mal de Hansen, que também deforma as mãos, como na foto de baixo

## Governo não prioriza o combate à doença

Wagner Nogueira é médico sanitário, assessor de Coordenação Nacional do Morhan e há dez anos presta assistência médica a hansenianos. Nesta entrevista à **Tribuna Operária** ele fala desta endemia que se alastra.

**TO:** Porque a hanseníase está crescendo no Brasil, ao contrário do que ocorre em outros países?

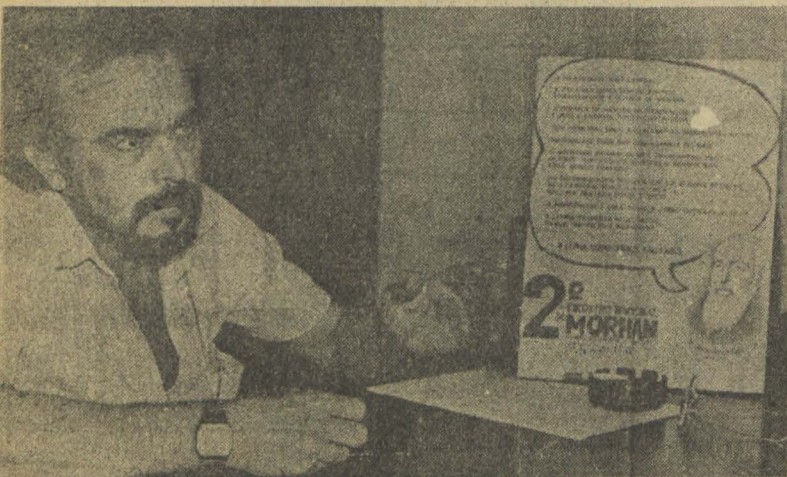
**Wagner:** A hanseníase está crescendo porque nós nunca tivemos uma política eficaz de controle. Até a década de 50 a política preconizava internamento compulsório nos hospitais, uma vez que até esta época não havia tratamento. E este internamento compulsório redundou em fracasso no controle da doença. Por outro lado, as pessoas quando eram isoladas já estavam com a forma avançada da doença e a gente sabe que o período de incubação é muito longo. Isso em nenhum momento ia cortar a cadeia da infecção. Com a introdução da sulfa no final da década de 40 e começo de 50, o tratamento passou a ser ambulatorial e também fracassou o controle porque nós não temos uma rede de prestação de serviços em número suficiente, equipada adequadamente e nem com pessoas preparadas para operá-la. Em função disso é que nós temos ainda hoje no país uma endemia, com número alto de pessoas acometidas pela doença.

**TO:** Se existe uma endemia de hanseníase, porque o governo não faz uma campanha como tem feito para a AIDS?

**Wagner:** Por coincidência, no dia 1º de outubro, teve uma primeira reunião na Divisão Nacional de Dermatologia Sanitária, para preparar uma campanha de divulgação em massa. A endemia nunca teve a atenção que deveria ter porque ela não é só um problema de saúde. Ela é um problema de governo e envolve questões ligadas à terra, ao trabalho, à educação, à segurança pública, à justiça. Então, ela nunca foi tratada como uma questão de governo, sempre foi tratada no âmbito do Ministério da Saúde. Mas é preciso deixar claro que, dentro do Ministério da Saúde, atualmente a divisão responsável pela hanseníase vem desenvolvendo um trabalho muito importante, só que ela não tem os recursos suficientes. Não existe dentro do Ministério da Saúde uma priorização das ações de hanseníase e o ministro não contempla os recursos que seriam necessários.

**TO:** O saneamento básico é de fundamental importância para o combate a esta endemia?

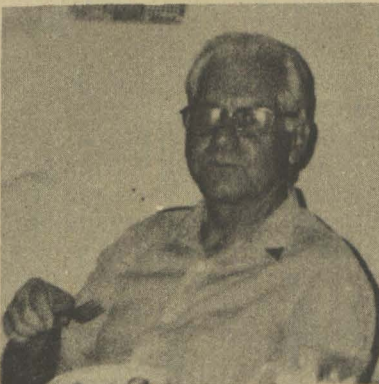
**Wagner:** O saneamento básico, a educação e a própria cultura popular, tudo contribui para erradicar a doença. No caso da Noruega, por exemplo, eles conseguiram erradicar a doença com educação em massa e com saneamento básico. O que faz a doença propagar é o contato íntimo e prolongado. E nós temos hoje muitas famílias em acomodações de um cômodo só. Quantas pessoas destas famílias não dormem numa mesma cama?



Wagner: "Esta endemia nunca teve a atenção que deveria ter"

## Os doentes que o mundo esqueceu

A **Tribuna Operária** ouviu o depoimento de três pessoas que vivenciaram de perto o mundo dos hansenianos, durante muitos anos isolados do resto da sociedade. Dois deles são ex-hansenianos e outro filho de pais com hanseníase.



João Batista Ribeiro

### A entrada em um cemitério de vivos

João Batista Ribeiro, quando tinha 27 anos, teve o dissabor de descobrir que estava com hanseníase. Ficou internado dois anos e meio no Hospital Colônia Santo Ângelo, em Mogi das Cruzes, saindo de lá sem nenhuma seqüela no corpo. "Hoje sou uma pessoa normal - diz ele -, e isso devo a ter descoberto a doença bem no começo". O fato de João Batista ser auxiliado de enfermagem em um hospital de Santo André facilitou ter o diagnóstico da doença em sua fase inicial.

Quando soube dos resultados dos exames, João não quis acreditar. Iria ter que ser internado numa colônia (naquela época, 1955, essa era uma medida obrigatória), deixar o emprego e desmorojava todos os seus planos pessoais. "O impacto foi muito grande. Foi como se tivesse estourado dentro de mim uma bomba. Eu estava noivo nesta ocasião e cheio de esperanças de formar um lar. De repente o destino me tira tudo isso", conta ele.

Este tipo de reação era normal entre aqueles doentes. João Batista informa que soube de casos de pessoas que enlouqueceram, outros que entraram na bebida e até casos de suicídio, ao saberem que estavam com o mal de Hansen. Isto ocorria porque existia uma pressão muito grande da sociedade contra o doente, fruto de preconceitos milenares. "No

passado, muitas vezes a família dizia que o parente estava desaparecido ou morto para não revelar que estava internado num hospital para hansenianos", explica.

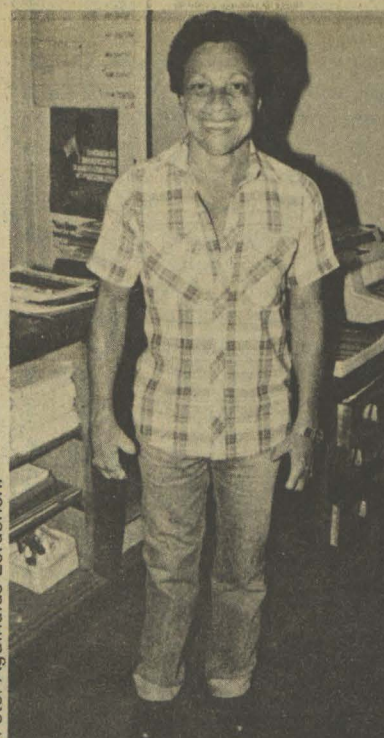
A chegada em um hospital colônia era a primeira grande aflição para o doente. Era a entrada para um outro mundo. João Batista Ribeiro recorda este momento: "No portão principal tinha uma placa: 'Aqui renasce a esperança'. Entreguei um envelope na primeira portaria. Na segunda portaria já encontrei o guarda que era um paciente antigo, com mãos faltando pedaço do dedo, nariz deformado. Para mim era como se estivesse entrando num cemitério de pessoas vivas. Era a imagem da morte estampada nas fisionomias das pessoas. Essa entrada era chocante - notar a que ponto chegava o ser humano".

Naquela época o Hospital Colônia Santo Ângelo contava com 1.800 internos, havia até uma vilazinha lá dentro. Com seus conhecimentos de enfermagem João Batista fazia trabalhos na área cirúrgica, auxiliando os médicos. O tratamento da hanseníase há 32 anos era mais precário do que hoje a medicação geralmente trazia complicações. "A gente acompanhava casos de óbitos na seqüência da medicação", explica o enfermeiro.

Quando recebeu alta, João Batista retornou ao antigo trabalho, casou com sua noiva, mas ressaltava que trazia dentro de si o medo dos outros descobrirem esta sua fase da vida. A readaptação na sociedade era difícil por causa deste estigma. "Hoje o doente quer voltar à sociedade, ser útil e não ficar marginalizado. O Morhan trouxe para nós esta oportunidade de ser cidadão", diz ele.

### Abandonado na selva aos 9 anos de idade

Manoel Ferreira Souza, 42 anos, carrega consigo as marcas da sua trágica doença: nas mãos lhes restaram apenas os tocos dos dedos e a sua perna direita foi amputada. Praticamente toda a sua vida foi dentro de uma colônia para hansenianos, onde foi internado com nove anos de idade e permaneceu por 30 anos. Ele nasceu no município de Boca



Manoel Ferreira Souza

do Acre, no Amazonas e a sua história é um retrato do que acontece na região com a maior proporção de incidência do mal de Hansen do país.

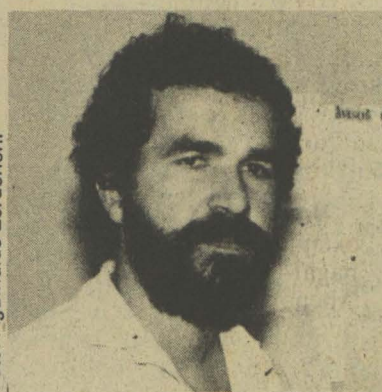
Os pais de Manoel moravam no meio da Selva Amazônica e tinham seis filhos. A mãe e três filhos eram hansenianos e sofreram na pele a rejeição que a sociedade impunha àqueles marcados por esta doença. Os membros sadios da família abandonaram a casa e deixaram os quatro doentes no mato. Era um costume trágico, mas necessário, pois ninguém vendia nada para a família onde havia leproso.

A mãe morreu dentro de pouco tempo e ficaram as três crianças sozinhas - Manoel com 9 anos. Os três irmãos já estavam passando fome quando um padre os encontrou e os levou para a Colônia Souza Araújo, em Rio Branco, no Acre. "Ali você se internava para morrer, porque naquele tempo não tinha esperança de sarar", recorda Manoel.

As condições dentro da colônia eram muito precárias. Não havia uma assistência médica adequada. "Tenho uma perna mecânica e isso por falta de tratamento", explica Manoel, havia épocas em que faltava até alimentos e a colônia era sustentada pelos próprios pacientes. "Muitas pessoas trabalhavam de joelhos na roça, porque não conseguiam ficar de pé. Eu

amarrava as mãos no cubo da enxada para trabalhar", conta ele.

Manoel passou 24 anos dentro da Colônia Souza Araújo, onde casou e ficou viúvo alguns anos depois. Veio para a Colônia de Bauru, no Estado de São Paulo, para amputar a perna. Ficou ali até 1984, quando teve alta e veio para São Bernardo do Campo, onde é funcionário do Morhan. Depois de passar todo este tempo isolado da sociedade, ele achou difícil a readaptação: "Passei toda a minha vida na colônia e depois sair foi muito duro".



Cordovil Neves de Souza

### Filho de hanseniano sofre o preconceito

Cordovil Neves de Souza é filho de pais hansenianos e, apesar da saúde normal, sofreu na pele o preconceito da sociedade. "Meu pai casou com minha mãe na Colônia Santa Isabel (Betim, Minas Gerais) e moravam na vila que existe lá, onde criou os filhos" - conta ele. "Eu nasci dentro da colônia e o preconceito bateu forte quando fomos estudar em Betim. O colégio não queria aceitar: você é rejeitado na escola. Como era um grupo grande, nós conseguimos enfrentar a pressão".

A Colônia Santa Isabel foi criada em 1931 e existe até um bairro anexo ao sanatório onde as famílias dos hansenianos moram. Estes moradores têm se organizado para alcançar melhorias no bairro e derrubar as barreiras às suas atividades. Cordovil explica que "em 1976 nós elegemos dois vereadores em Betim, que eram portadores de hanseníase. Houve tentativa de cassar o mandato dos dois, devido à repulsa da Câmara em conviver com eles". (Domingos Abreu)